



DANIEL CERDEIRA DE SOUZA  
IOLETE RIBEIRO DA SILVA

# RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR JOVENS  
ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAZONAS

 editora  
UEA

# **RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR JOVENS  
ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAZONAS

## **Governo do Estado do Amazonas**

Wilson Miranda Lima  
**Governador**

## **Universidade do Estado do Amazonas**

André Luiz Nunes Zogahib  
**Reitor**

Kátia do Nascimento Couceiro  
**Vice-Reitora**

*editora***UEA**

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann  
**Diretora**

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas  
**Secretária Executiva**

Síndia Siqueira  
**Editora Executiva**

Samara Nina  
**Produtora Editorial**

Isolda Prado de Negreiros Nogueira Horstmann (Presidente)  
Allison Marcos Leão da Silva  
Almir Cunha da Graça Neto  
Eivaldo Cavalcanti e Silva Filho  
Jair Max Furtunato Maia  
Jucimar Maia da Silva Júnior  
Manoel Luiz Neto  
Mário Marques Trilha Neto  
Sílvia Regina Sampaio Freitas  
**Conselho Editorial**

**DANIEL CERDEIRA DE SOUZA  
IOLETE RIBEIRO DA SILVA**

# **RELACIONAMENTOS ABUSIVOS**

SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR JOVENS  
ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO AMAZONAS

Sindia Siqueira  
**Coordenação Editorial**

Raquel Maciel  
**Projeto Gráfico**

Raquel Maciel  
**Diagramação**

Sindell Amazonas  
Wanessa Ramos  
Wesley Sá  
**Revisão**

Raquel Maciel  
Samara Nina  
**Finalização**

*Ratto di Polissena*, de Pio Fedi,  
1855-1865 – foto de Giusi Borrasi,  
Florença, 2020 (Unsplash)  
**Fotografia na capa**

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas

Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade do Estado do Amazonas

S729r  
2022

Souza, Daniel Cerdeira de  
Relacionamentos Abusivos: significados atribuídos por jovens acadêmicos  
da Universidade Federal do Amazonas / Daniel Cerdeira de Souza,  
Iolete Ribeiro da Silva. – Manaus (AM): Editora UEA, 2022.

97 p.; il., color [E-book].

ISBN: 978-65-80033-86-7

Inclui referências bibliográficas

1. Relacionamento abusivo. 2. Violência. 3. Violência psicológica.  
I. Silva, Iolete Ribeiro da. II. Título.

CDU 1997 – 316.48

Editora afiliada:



*editora*UEA

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil  
CEP 69050-010 | +55 92 38784463  
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

# AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Amazonas, pela formação e abertura para a realização da pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo financiamento da pesquisa.

Aos participantes da pesquisa, pela disposição em compartilhar suas histórias.

Aos amigos que participaram dessa jornada conosco.



# SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO** 08

**CAPÍTULO 1** 10

**INICIANDO A DISCUSSÃO**

**CAPÍTULO 2** 16

**JUVENTUDE E RELAÇÕES ABUSIVAS**

**CAPÍTULO 3** 41

**PERCURSO METODOLÓGICO**

**Desenho da pesquisa** 42

**Lócus da pesquisa** 43

**Participantes da pesquisa** 44

**Coleta de dados** 45

**Construção do corpus** 48

**Análise dos dados** 49

**CAPÍTULO 4** 50

**COMO JOVENS SIGNIFICAM UM RELACIONAMENTO ABUSIVO?**

**Núcleo nº 1: Ciúmes** 52

**Núcleo nº 2: Comportamento controlador** 54

<b>Núcleo nº 3: Violências</b>	<b>58</b>
<b>Núcleo nº 4: O perpetrador</b>	<b>61</b>
<b>Núcleo nº 5: Vivências da vítima</b>	<b>65</b>
<b>CAPÍTULO 5</b>	<b>73</b>
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b>	
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>92</b>
<b>Apêndice A: Organização dos Núcleos de Significação</b>	<b>92</b>
<b>Apêndice B: Instrumento de pesquisa</b>	<b>94</b>
<b>SOBRE OS AUTORES</b>	<b>95</b>



# APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado de uma pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, e se debruça sobre a temática “Relacionamentos abusivos” a partir da abordagem histórico-cultural de Vygotsky, possuindo um caráter exploratório qualitativo. Considera-se um relacionamento abusivo aquele em que há práticas de controle excessivo de um dos parceiros direcionado ao outro ou quando essa tentativa vem de ambos, sendo o relacionamento permeado por várias formas de violência.


Com o intuito de compreender como 16 jovens acadêmicos da universidade significam um relacionamento abusivo, foi realizado um grupo focal composto por oito participantes aliado a oito entrevistas individuais semi-estruturadas. Os dados foram analisados através de núcleos de significação, que visam levantar os temas/conteúdos que se destacaram, sendo que tais temas se revelam em palavras significadas em seu contexto, aglutinadas seguindo os critérios de semelhança, complementaridade e contraposição. Foram aglutinados dezenove indicadores, que serviram de base para a formação de cinco grandes núcleos de significação sendo: 1º) Ciúmes; 2º) Comportamento Controlador; 3º) Violências; 4º) O perpetrador e 5º) Vivências da Vítima.

Os núcleos mostram que a internalização das normas de gênero atravessam toda a relação. Além de promover um padrão de como se deve ou não vivenciar a intimidade, esses signos trabalham a partir e em benefício dos desejos masculinos, em detrimento da mulher. A insegurança e o ciúme apareceram como os fatores de risco mais preponderantes para a ocorrência de abusos dentro da relação. A partir da percepção de um possível rival, os comportamentos de controle surgiram como uma das principais formas de violência vivenciadas por este grupo de acadêmicos. Além do mais, as violências física,

psicológica e moral foram relatadas, mas a mais frequente e mais difícil de se identificar foi a violência psicológica. As vítimas viveram um fluxo de abusos dentro dos relacionamentos de maneira contínua, tendo suas necessidades preponderantemente desconsideradas e foram atingidas de diversas maneiras, porém, por baixa autoestima, não percepção dos abusos, medo e ganhos emocionais compensatórios, escolhiam permanecer no relacionamento. De maneira geral, a percepção de se estar em um relacionamento abusivo ocorreu após inúmeras situações desgastantes e violentas aliadas a alertas externos (geralmente por parte de amigos) e os relacionamentos abusivos vivenciados deixaram marcas que acompanham os participantes pelos próximos relacionamentos. Concluímos que, para o enfrentamento dos processos de violência na intimidade, é requerido um esforço coletivo na desconstrução dos signos culturais que legitimam uma dominação social masculina.

# **CAPÍTULO 1**

**INICIANDO A DISCUSSÃO**



A violência assume várias formas, podendo-se falar atualmente em “violências”. Observando a dimensão que alcança, ela não representa apenas uma ameaça externa, mas também adentra o espaço privado do lar, das relações afetivas, do meio acadêmico, etc. (NARVAZ, 2005 *apud* SILVA; SANCHES, 2014). Esta pesquisa abordou a temática “Relacionamentos abusivos” e objetivou compreender os significados atribuídos a esta questão por um grupo de jovens acadêmicos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) a partir da abordagem histórico-cultural.

Essa abordagem se baseia na tentativa de superar os reducionismos estruturalistas das concepções idealistas e empiristas. Defende que o homem não se desenvolve naturalmente (passivo), antes, é protagonista de sua construção como ser essencialmente social, sendo transformado pelo meio que interage, ao mesmo tempo que transforma esse meio, a partir de sua história pessoal e seus aspectos subjetivos. A construção de significados se dá na relação que o sujeito mantém com o meio em que está inserido. Para se chegar aos significados, o pesquisador precisa fugir dos reducionismos e pré-conceitos institucionalizados. Eles correspondem a uma generalização, ou seja, funcionam como uma perspectiva coletiva (NEVES; SILVA, 2015).

Entendemos como relacionamento abusivo aquele em que há a presença da violência e seus diversos desdobramentos de maneira naturalizada, cotidiana e institucionalizada. A violência nas relações afetivas tem sido uma grande preocupação para a psicologia e demais ciências humanas. Esse mecanismo tem fins de dominação, controle e opressão, e é vivenciado de maneira singular, pois vai depender da forma de se relacionar entre autor e vítima, partindo então do princípio daquilo que se considera violência ou não. Portanto, a presença da violência nos relacionamentos afetivos vai depender de como cada

parceiro subjetiva-se e subjetiva o outro na relação. Tal relacionamento é sustentado pela violência de gênero, que caracteriza-se por qualquer ato que resulte em dano físico ou emocional, através do abuso de poder, numa relação pautada em desigualdade e assimetria entre os gêneros (OLIVEIRA, 2014).

O relacionamento abusivo é permeado pelo excesso de controle que um parceiro tenta exercer ou exerce sobre o outro. Esse movimento pode fazer com que um parceiro se torne refém do outro por meio de um monitoramento que é constante, justificado pela ideia distorcida de cuidado e por brigas causadas em diversas situações do dia a dia. Configuram-se abusos quando uma pessoa tenta permitir ou proibir com quem a outra pessoa pode ou não falar, escolhe as roupas que esta pode ou não usar, monitora as mensagens no celular e redes sociais, dentre outros comportamentos. Esforços esses que são utilizados no intuito de isolar o parceiro oprimido somente para aquele que oprime (PAIVA; FIGUEIREDO, 2003). A partir disso, apresentamos essa pesquisa como qualitativa, que compreende a realidade como uma construção social com a atribuição de significados (GUNTHER, 2006).

A juventude é um momento de inúmeros desafios. O jovem se vê frente a inúmeras possibilidades de escolhas que ajudam a construir sua identidade. Ele vivencia vários processos de inserção social, tais como a participação política e cultural, a inserção na universidade e no mercado de trabalho, bem como a vivência, a sexualidade e os relacionamentos afetivos (MANDELLI *et al.*, 2011). Nesta pesquisa, considera-se jovens pessoas que possuem idade entre 15 a 29 anos, de acordo com o Estatuto da Juventude (BRASIL, 2013). Vários órgãos internacionais discutem ações educativas que devem estimular o protagonismo do jovem como detentor de autonomia. Ter protagonismo e autonomia sobre sua história também está relacionado a ter acesso a informação que auxilie na constituição de relacionamentos afetivos (SILVA *et al.*, 2013).

Sendo a Universidade um lugar de diversidade, percebe-se que a violência se faz presente nesses espaços e, dentre elas, a violência de gênero, que atinge diretamente as relações afetivas. A formação na universidade representa um período de várias experiências,

vez que esta é compreendida não somente como um lugar de apropriação de conhecimento técnico-científico, mas também um dos campos de construção e expressão de subjetividades e formação humana integral. É lugar de convívio social marcado por encontros e desencontros, pelo construir e reconstruir de histórias, dentre elas, os relacionamentos afetivos, que são vivenciados pelos jovens de diversas formas (LOURO, 2000).

Pode-se definir as relações afetivas como aquelas que mantêm homens e mulheres unidos, independente de sua orientação sexual, por terem desenvolvido vínculos sexuais e afetivos. Essas relações são percebidas como líquidas. A literatura aponta os impactos e transformações histórico-culturais, com ênfase na vigência do comportamento individualista, das mudanças no papel da mulher, dentre várias outras modificações que contribuem para novas maneiras de se relacionar (COSTA; CENCI, 2014).

A base cultural que mantém os relacionamentos afetivos e suas diversas configurações é a noção de amor. Este é descrito a séculos na literatura de maneira variada em diversos aspectos, tendo como característica dominante a associação íntima a outra pessoa. Ainda assim, compreende-se que não há uma definição global dele. É um sentimento que vai depender da subjetividade, das expectativas de cada um e também como o indivíduo se sente satisfeito em sua prática amorosa. Temos contato com esses significados nos diversos espaços de sociabilidade nos quais estamos inseridos por intermédio da família, das culturas, da historicidade, do contexto, dos grupos sociais, etc. (CABRAL; NICK, 2006; GUEDES; ASSUNÇÃO, 2006; CAVALCANTI; CHAVES, 2010; SMEHA; OLIVEIRA, 2013).

A vitimização de jovens na intimidade tem recebido menor atenção por parte da comunidade científica. Isso ocorre devido à dificuldade de definir o que seria a violência nessas relações, a dificuldade de acesso dos investigadores a esta população e a inexistência de um estatuto legal acerca da violência fora dos contextos conjugais. A violência nas relações entre jovens pode traduzir-se num impacto significativo para a vítima, resultando em danos diversos a curto e a longo prazo, como disfunções do comportamento alimentar, estresse

pós-traumático, perturbações emocionais, comportamentos sexuais de risco, problemas no desempenho acadêmico e evasão da universidade (MATOS *et al.*, 2006).

É precisamente na juventude que se podem exacerbar as diferenças entre os papéis de gênero, consolidando-se a aceitação da violência como uma versão do amor ou como “aceitável” em certas circunstâncias e, ainda, como um período especialmente propício à adesão a alguns mitos “perigosos” sobre as relações “românticas”. Qualquer um desses fatores pode aumentar o risco de envolvimento numa relação abusiva. As moças sofrem danos mais severos como resultado do abuso na intimidade e taxas mais elevadas de vitimação sexual quando comparadas com os rapazes (BESERRA, 2016; MATOS *et al.*, 2006).

O abuso presente nas relações afetivas é muitas vezes silencioso e contribui para a desqualificação do outro e para o exercício de um domínio que afeta a capacidade de reação e decisão da pessoa agredida por atingir diretamente sua autoestima e seu senso de autovalorização (LEVY; GOMES, 2008). A partir dessas reflexões, problematiza-se: Quais são os significados atribuídos por um grupo de jovens acadêmicos da Universidade Federal do Amazonas acerca de um Relacionamento Abusivo?

A pesquisa de Paiva e Figueredo (2003) traz dados que auxiliam a justificar a importância de se debruçar neste tema. Uma pesquisa com uma amostra de 3.086 jovens estudantes universitários apontou que 28,2% assumiram que em algum momento da relação direcionaram algum comportamento abusivo para o parceiro, tais como humilhar, monitorar as redes sociais e injuriar o parceiro, o que evidencia que a violência presente nas relações afetivas se estende para muito além do que se sabe atualmente. Em um estudo realizado por Barreira *et al.* (2013) com 302 jovens, sessenta deles (19,9%) relataram perpetrar violência física contra os seus parceiros, sendo 37 meninas (21,8%) e 23 meninos (17,4%). Para violência psicológica, a prevalência de perpetração foi de 82,8%, sendo 80,6% no sexo feminino e 85,6% no sexo masculino. A prevalência de ocorrência de violência física e psicológica foi de 18,9%, com 20,6% para o sexo feminino e 16,7% para o sexo masculino.


Um estudo com 3.205 adolescentes, realizado entre 2007 e 2009, analisou a prevalência de violência nas relações afetivas entre adolescentes e jovens de 15 a 19 anos, de 10 capitais brasileiras. Entre os resultados verifica-se: a alta prevalência da violência entre jovens namorados - praticamente 9 em cada 10 participantes praticaram/sofreram variadas formas de violência (86,8% são vítimas e 86,9% são agressores); a ocorrência e a inter-relação de diferentes tipos de violência: psicológica, física e sexual. Outro estudo, com jovens cariocas, entrevistados em 2006, afirma que cerca de metade dos jovens do sexo feminino relatou alguma forma recente de violência no relacionamento, incluindo qualquer vitimização (32%), qualquer perpetração (40%), e ambos, vitimização e perpetração (22%) (OLIVEIRA, 2014). Observa-se então que a violência na intimidade manifesta-se em diversas culturas e idades e, por isso, merece atenção do campo científico.

Em uma pesquisa realizada em jovens universitários de 32 nações, incluindo o Brasil, 17% a 49% deles relataram ter agredido fisicamente o parceiro no último ano, com média de 29%. A prevalência de agressões físicas mais severas, como esmurrar, estrangular e agredir com armas foi em média 10%. Outra pesquisa realizada nos Estados Unidos com 633 jovens observou que 6% dos meninos e 23% das meninas afirmaram ter usado violência física e psicológica no namoro ao mesmo tempo (BARREIRA *et al.*, 2013). Compreendendo o abuso na intimidade relacional como um grave tipo de violência que gera sequelas a curto, médio e longo prazo, a relevância dessa pesquisa também se relaciona à produção de conhecimentos que podem contribuir para discutir com a juventude sobre as várias formas de violência nos relacionamentos.

Este trabalho também se baseou na premissa de que o relacionamento abusivo, assim como toda e qualquer manifestação de violência, pode e deve ser enfrentado, demandando de diferentes setores da sociedade, entre eles, a universidade, a criação de estratégias e ações que se proponham a esse fim.

# **CAPÍTULO 2**

**JUVENTUDE E  
RELAÇÕES ABUSIVAS**



Um relacionamento abusivo é marcado pela tentativa de controle excessivo que um parceiro tenta exercer sobre o outro com o objetivo de isolá-lo para si. Qualquer comportamento voltado a essa demanda (de forma a não considerar os demais vínculos socioafetivos do parceiro), por quaisquer meios, gerando sofrimento e danos para a saúde e o desenvolvimento desse outro, podem ser citados neste processo violento, que pode ocorrer em relações de curta ou longa duração (MURTA *et al.*, 2013).

O abuso nos relacionamentos dos jovens se caracteriza como um problema de ordem social. A violência é definida pela Organização Mundial da Saúde como o “uso intencional da força ou poder em uma forma de ameaça ou efetivamente, contra si mesmo, outra pessoa ou grupo ou comunidade, que ocasiona ou tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações” (SACRAMENTO; REZENDE, 2006; BESERRA *et al.*, 2015).

Baseamos essa pesquisa em conceitos de tipos de violências trazidos pelo Ministério da Saúde (2001 *apud* SILVA; COELHO; CAPONI, 2007), que postula que a violência física ocorre quando alguém causa ou tenta causar dano, por meio de força física, de algum tipo de arma ou instrumento que pode causar lesões internas. A violência sexual é toda a ação na qual uma pessoa, em situação de poder, obriga uma outra à realização de práticas sexuais contra a vontade, por meio da força física, da influência psicológica (intimidação, aliciamento, sedução), ou do uso de armas ou drogas. A violência psicológica é considerada toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa e inclui: ameaças, humilhações, chantagem, cobranças de comportamento, discriminação, exploração, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair de casa, provocando o isolamento de amigos e familiares,

ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro. Entre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. Apesar de ser bastante frequente, ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e, se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio.

A violência de gênero é a violência que sustenta o relacionamento abusivo. No Brasil, esse tema se inscreve em estudos voltados à violência contra as mulheres ou à violência conjugal entre adultos. Essa violência é aquela que é exercida de um sexo sobre o sexo oposto. Baseada nas diferenças entre estes, o conceito refere-se à violência na qual o sujeito passivo é a pessoa de gênero feminino (OLIVEIRA; PAES, 2014; SILVA; COELHO, 2007).

A Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1993, definiu a violência baseada em gênero como “qualquer ato de violência que resulte em, ou possa resultar, em danos ou sofrimentos físicos, sexuais ou psicológicos às mulheres, incluindo a ameaça de tais atos, coerção ou privação de liberdade, que ocorre tanto na vida pública quanto na privada” (OLIVEIRA; PAES, 2014).

As lutas contra a violência de gênero iniciaram com o feminismo. O movimento feminista é um movimento político, ideológico e social, que se pauta na luta contra o patriarcado, como um sistema que oprime as mulheres e também nas lutas pela igualdade de direitos em relação aos homens. A partir das lutas feministas, é que a violência na intimidade ganhou visibilidade. A violência nas relações afetivas pauta-se em normas culturais historicamente construídas que marcam os processos de socialização instaurando modelos de ser homem e mulher, sendo um grave problema social e de saúde pública, sobretudo, quando ocorre na juventude - fase de elaboração das normas sociais e de aprendizado, principalmente de aprendizado amoroso. Na medida em que se estabelece como uma forma de comunicação entre os jovens, a violência pode acabar se cristalizando como estratégia para lidar com os conflitos nas relações íntimas (OLIVEIRA, 2014).

Essa forma de violência representa uma das principais ameaças à saúde das mulheres e a maioria dessas agressões reflete um padrão de abuso contínuo (ROSA *et al.*, 2008). A construção histórica do gênero

feminino a coloca como responsável pelo relacionamento afetivo, o que vem sendo combatido pelas lutas feministas que responsabilizam ambos os cônjuges pela saúde ou não do relacionamento.

Ao se debruçar sobre a literatura, percebeu-se que o relacionamento afetivo no formato abusivo possui um ciclo sendo: “Aumento do estresse na relação” seguido pela “Explosão” e finalizado com a “Lua de Mel”. Tais fases serão explicadas em detalhes nos próximos parágrafos.

Primeiramente, entre o casal há um aumento do estresse, que pode ocorrer pelos mais diversos motivos. É como se um parceiro fosse se irritando com o outro, por situações do dia a dia, que vão enchendo uma forma de “balão emocional” que está prestes a explodir. Nessa fase, que pode durar alguns dias, semanas ou meses, já se percebe a presença da violência psicológica na tratativa de um parceiro com o outro. Aparenta-se viver uma relação de opressão e dominação, na qual acusações, coerção, desrespeito, xingamentos, ameaças, entre outras violências, se fazem presentes (PAIVA; FIGUEIREDO, 2003; NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011).

A vítima sente que precisa constantemente ter “cuidado” para evitar uma possível explosão de seu parceiro (a), por medo de que algo pior possa acontecer e muitas vezes vive-se uma relação permeada por poder baseada em aspectos como a coerção. O controle, nessa fase, perpassa até mesmo a vivência sexual do casal, em que a vítima sofre pressão para manter relações sexuais com seu parceiro opressor mesmo sem ter o desejo e a fazer, na relação sexual, aquilo que seu parceiro mandar. Ocorrem desentendimentos menores, como uma tendência a manter o controle sob as ações do parceiro. As brigas são banalizadas com explicações que minimizam as agressões sofridas de maneira racional ou ilusória. Nesses momentos, a vítima é assombrada por sentimentos de desvalorização e culpa, resultantes da baixa autoestima gerada pelas constantes acusações, em que esta chega a pensar até mesmo que não merece o amor de seu parceiro, o amor de qualquer outra pessoa ou até mesmo que não vai encontrar uma pessoa que a ame e a aceite do jeito que é, o que a motiva a suportar a violência vivida na relação (DIXE *et al.*, 2010).

O próximo passo é a explosão, na qual o incidente de agressão física ou abuso psicológico mais grave ocorre. Os limites da relação são rompidos e essa é a violência que extrapola os limites usuais que a vítima está acostumada a passar. Esse é o momento em que os desentendimentos chegam a um nível de estresse elevado, com forte possibilidade de agressão física. Há um declínio na relação afetiva e é cogitada a separação do casal. Fragilizada, a vítima é assolada por sentimento de vazio e frustração, bem como desesperança no futuro da relação. Em muitos casos, a relação violenta se mantém por comodismo ou em meio a justificativas de que relações amorosas são difíceis e deve-se lutar para que as coisas deem certo, além de se manterem em paralelo a um clima de aceitação e esperança de a agressão ser um fato isolado. Em alguns casos, a vítima tenta justificar a agressão que sofre, trazendo para si a responsabilidade da violência que sofreu (CARDOSO, 1994; AVENA, 2010; LEVY; GOMES, 2008; LUCENA *et al.*, 2016).

O terceiro momento deste ciclo é uma espécie de lua de mel dentro da relação. Nesta fase, a relação passa por uma espécie de restabelecimento afetivo. É comum o agressor pedir perdão e/ou culpa à vítima pela agressão. Ao ser culpada, a autoestima da vítima é cada vez mais atingida e a percepção que ela tem de si passa a ser cada vez mais distorcida. Neste momento, a vítima se sente culpada ou tem pena do agressor e o perdoa. Esse perdão muitas vezes é motivado pelo medo que algo pior possa ocorrer, pois a situação de violência aliada à autoimagem distorcida da vítima a leva a um estado de aprisionamento dentro da relação. Na fase de lua-de-mel ocorre uma mudança no relacionamento para a reconciliação. O agressor faz promessas de mudanças de comportamento e postura na relação e de que novos episódios violentos não voltarão a ocorrer, conseguindo assim manter a relação sob controle e fazer com que seu parceiro (a) permaneça submisso (a) através de uma capacidade de sedução e o ciclo se inicia novamente. Observa-se que a fase de “lua-de-mel” vai ficando mais curta e dá lugar a episódios de violência crônicos, até que esta passa a ser encarada de maneira naturalizada dentro da relação (ALDRIGHI, 2004; FALCKE; RAZERA, 2014; GUIMARÃES; SILVA; MACIEL, 2007).

Entendemos que não é possível tratar as experiências humanas a partir de uma generalização, portanto, vale deixar claro que nem todas as pessoas vivenciam o ciclo de relacionamento abusivo da maneira descrita na literatura, antes, cada vivência é modificada de acordo com as vivências histórico-culturais de cada casal.

Avançando na discussão, segundo Krug *et al.* (2002), o comportamento controlador é algo marcante nos relacionamentos violentos e consiste em comportamentos com intuito restritivo de um parceiro contra o outro. Alguns exemplos: evitar que veja amigos, restringir o contato com a família de origem, insistir em saber onde a pessoa está em todos os momentos, ignorar ou tratar de forma indiferente, ficar bravo (a) quando a pessoa fala com outro (a) homem/mulher, suspeitar frequentemente de infidelidade, controle dos movimentos e atividades do parceiro, controle econômico, a perseguição evidenciada pela ameaça implícita ou explícita de comportamento de invasão proposital, maliciosa e repetitiva.

Com relação aos atos exclusivos de homens contra as mulheres, destacam-se: dominar ou usar poder sobre a mulher; restringir o acesso da mulher à escola e (ou) ao trabalho; limitar ou monitorar o uso do telefone; segui-la. Esses atos são divididos em duas categorias: a primeira denomina-se isolamento social, em que o parceiro é impedido ou tem dificuldades de rever sua família de origem, seus amigos ou até vizinhos; a segunda relaciona-se ao controle propriamente dito, quando o parceiro exige explicações e relatórios constantes sobre onde, com quem e o que fez no seu dia a dia (KRUG *et al.*, 2002; COELHO, 2018).

Os comportamentos controladores muitas vezes evidenciam o sentido de subordinação feminina, mas tais situações muitas vezes não são consideradas pelos jovens como violência enquanto não atingem um nível de obsessão. Entretanto, apesar de não parecer violência, elas atingem o sujeito que sofre o controle e trazem muitos danos para a saúde. A violência nos relacionamentos juvenis, na maior parte das vezes, começa através do controle psicológico para, posteriormente, evoluir aos outros tipos de violência. Essa última surge geralmente em resposta a não sujeição ao controle, ou seja, quando um parceiro não se submete ao outro, as outras violências surgem como tentativa

extrema de manter a homeostase da relação (GUARESCHI MATTES; FACCO ROCHA, 2016).

Para se discutir sobre relacionamentos baseado na perspectiva de Vygotsky, sejam eles abusivos ou não, é preciso se debruçar sobre a maneira como tais se desenvolvem. A noção de desenvolvimento descrita pelo teórico - principalmente o psicológico/mental - depende da aprendizagem na medida em que se dá por processos de internalização de conceitos, que são promovidos pela interação social. Não é suficiente ter todo o aparato biológico da espécie para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem a aprendizagem (RIBEIRO, 2005; BOCK, 2009).

A internalização é discutida a partir de Vygotsky por Baquero (2014), que explica que a introdução dos signos sociais que auxiliam no desenvolvimento do sujeito aparece de duas maneiras. Em um primeiro momento, os signos aparecem dispostos na cultura entre as pessoas e posteriormente são internalizados de maneira individual a partir das relações mantidas entre os sujeitos. Então, a maneira como aprende-se (a partir de sua cultura) a se relacionar vai influenciar diretamente na dinâmica do casal e como esses formam os significados da relação.

A linguagem tem um papel crucial na formação dos relacionamentos. Sabe-se que a noção de significado é uma construção social, construção essa que é mediada pela linguagem. Vygotsky diz que a linguagem é, antes de tudo, social. Que sua principal função é a comunicação e essa função comunicativa está intimamente ligada com o pensamento, portanto, ela é o instrumento de relação com os outros e é crucial no processo de desenvolvimento do sujeito, pois é através dela que aprendemos a pensar (RIBEIRO, 2005).

O desenvolvimento histórico do homem constitui uma unidade dialética de duas ordens essencialmente diferentes em que uma implica a outra. As transformações que resultam dessa dialética revelam o início de um processo de desenvolvimento biológico que se constitui na infância e é superado com o passar do tempo na apropriação da cultura. Abandona-se então os determinismos fisiológicos e adota-se a noção de homem que é objeto das transformações provenientes de sua relação com a cultura (TOMIO; DIAS FACCI, 2009).

Na perspectiva histórico-cultural, só se pode compreender qualquer fato a partir de sua inserção na totalidade em que ele foi produzido e essa totalidade, além de constituí-lo, também dá sentido ao mesmo, portanto, ao se pensar em relacionamentos abusivos vivenciados por jovens, entende-se que é a totalidade social que o constrói (OZELLA; AGUIAR, 2008). Aqui, o jovem é visto como crítico da realidade que o constitui, ao mesmo tempo em que é constituído por essa realidade.

A formação do homem não é isolada, ela se dá por meio da assimilação da experiência histórico-social. A juventude não se diferencia deste processo. Na Psicologia, as concepções de juventude estão fortemente ligadas a estereótipos e estigmas. Ela identifica esse momento como uma etapa marcada por conturbações e tormentos vinculados à emergência da sexualidade, inserção profissional e conflitos de identidade (CONTINI; KOLLER, 2002).

A juventude, vista de modo naturalizado, é encarada como um “estado” influenciado por parâmetros biológicos comuns a todos os jovens e não como uma condição social, desconsiderando-se a inserção histórico-cultural do sujeito. A partir da abordagem histórico-cultural, não se enxerga a juventude a partir de uma maneira isolada, antes é encarada como um momento integrador entre sujeito e ambiente histórico. Nesta pesquisa, os jovens são entendidos como sujeitos que representam e apresentam suas próprias questões para além das expectativas sociais, rompendo com a ideia de que a juventude é um período natural de crise, antes, compreende-se esse período como um momento rico em possibilidades.

É na apropriação da linguagem que os sujeitos dão sentido ao mundo (SPINK, 2010). Uma das características mais peculiares das juventudes é a criação de uma linguagem própria e específica, que é constituída de símbolos e formam-se os sentidos que dão significado ao social. Analisar as juventudes também significa interpretar e dialogar com práticas linguísticas que atravessam a historicidade (LOPES, 2009). As juventudes dão novos significados aos fenômenos sociais a partir de suas experiências na realidade concreta.

Para a perspectiva histórico-cultural, de acordo com Charlot (2000), o sujeito é necessariamente social (que possui uma origem familiar e está inserido em um determinado local geográfico que possui uma historicidade) e, nas relações sociais advindas da apropriação desse local, ele interpreta o mundo que lhe dá sentido, bem como dá sentido à posição que ocupa neste mundo. Portanto, os relacionamentos são construídos com base em fatos históricos que surgem nas relações sociais, em que, em alguns momentos, o jovem é obrigado a ter determinadas condutas pré-estabelecidas pela sociedade na qual está inserido.

Este trabalho foi realizado com o público jovem universitário de Manaus. Na região amazônica, o jovem constrói uma identidade própria que é influenciada por pressupostos históricos, além de também sofrer influência sobre a maneira de se relacionar própria da região norte do país (como modos de se relacionar indígenas, nordestinos, europeus, etc.), além de também ser influenciado por novas formas de se relacionar advindas da flexibilização das relações e da globalização.

Estando o jovem inserido na universidade, Soares (1990) a define como uma das únicas instituições da sociedade capitalista cuja função e fim sejam a crítica social associada à ação. A universidade é uma instituição que objetiva formar a pessoa humana a partir de uma educação geral, em que o saber deve proporcionar-lhe a vivência de relações sociais sadias e maduras. O jovem universitário está então em um processo de apropriação de conhecimento e formação humana a fim de contribuir para uma sociedade mais tolerante e igualitária.

A formação universitária deve englobar a complexa relação entre as políticas públicas da educação e as demandas sociais da diversidade de jovens atendidos pelo ensino superior. Assim, se insere as questões de igualdade de gênero, minimização e enfrentamento da homofobia, prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, direitos humanos, orientações sexuais e temas correlatos.

Os jovens ingressam cada vez mais cedo na universidade. Os espaços universitários agregam um número expressivo de jovens com idades entre 16 a 29 anos, fase em que estão em plena descoberta, atividade e prática da sexualidade e afetividade (LOURO, 2000). O espaço

universitário agrega jovens de realidades distintas, em um processo de diversidade que não se limita ao campo socioeconômico, mas também às questões étnico-raciais, religiosas e sexuais (ANACLETO *et al.*, 2013).

As relações afetivas sofrem inúmeras mudanças através do tempo. As influências advindas pela ótica judaico-cristã ajudaram a constituir a noção de casamento como união sagrada e, ainda hoje, percebe-se que o imaginário populacional possui um desejo idealizado por noções como “até que a morte os separe”. As mudanças nas definições de família também vêm influenciando a maneira como os relacionamentos afetivos em um processo contraditório, em que relacionamentos mais abreviados e instantâneos se mostram incompatíveis com a família tradicional calcada na aliança de amor e união eterna (JUSTO, 2005).

Bauman (1998) cita a sexualidade como um dos fortes embasamentos que os relacionamentos afetivos possuem na contemporaneidade, onde ela exerce uma função puramente provedora de sensações imediatas e rápidas. Velho *et al.* (2010) definem a sexualidade como o modo que cada pessoa vive a sua construção de gênero com relação às outras pessoas. Essa dimensão da personalidade humana é adquirida na interlocução entre perspectivas biológicas e na relação que a pessoa mantém com o meio em que vive, pois acompanha o ser humano desde seu nascimento até sua morte, ou seja, a sexualidade a partir dos referidos autores possui o mesmo embasamento que a noção de desenvolvimento para Vygotsky.

A sexualidade não diz respeito apenas ao ato sexual em si, às genitálias ou à orientação sexual. Ela pode manifestar-se de forma diferente para cada momento do desenvolvimento histórico em uma mesma pessoa e de modos distintos para diferentes pessoas, sendo aprendida ao longo da vida. A vivência da sexualidade está diretamente relacionada à forma pela qual os valores e as práticas sociais são percebidos e incorporados pelos sujeitos, refletindo as diferentes culturas que coexistem nas sociedades (AQUINO; BRITO, 2012; VIANNA; LACERDA, 2004; SILVA, 2016).

Considerando as mudanças histórico-culturais dos relacionamentos afetivos, vale destacar a influência das noções de gênero na construção dessas relações. O gênero é um elemento constitutivo das relações

sociais e das relações de poder na sociedade. A partir dessa relação de dominação é que se estruturam os papéis que cada parceiro terá na relação, além de influenciar na construção da identidade sexual das pessoas. As relações entre homens e mulheres são conduzidas a uma cristalização de ambos, na qual as polaridades são reafirmadas como superior/inferior, público/privado, ativo/passivo, etc.

A sociedade capitalista possui diversas formas de estruturar a dominação de uma classe sobre a outra. Duas categorias estão amplamente ligadas à violência nas relações amorosas: patriarcado e dominação masculina. Para Saffioti (2004), a cultura patriarcal, fortemente hierarquizante, tem a violência como um elemento constitutivo, com destaque para a “pedagogia da violência”, em que se banaliza o exercício do poder por meio da força e da dominação daqueles considerados hierarquicamente inferiores, com a anuência, o incentivo ou apenas a tolerância da sociedade.

Já a dominação masculina (BOURDIEU, 2011) refere-se a uma lógica social por meio das práticas cotidianas, de forma sutil e tácita, que se traduz na incorporação da ordem masculina a partir das “rotinas da divisão social do trabalho, ou dos rituais coletivos e privados” que desvalorizam, subjugam e excluem o feminino. São mecanismos sutis de dominação e exclusão social que expressam uma submissão paradoxal que atravessa homens e mulheres, dominantes e dominados, de forma imperceptível, que chamamos de violência simbólica. A internalização dos signos machistas acaba por reforçar a dominação masculina.

O machismo, como “filho do patriarcado”, é o mecanismo que estrutura a dominação social entre gêneros e, conseqüentemente, a violência embasada em gênero, tendo como principal desdobramento o controle do masculino sobre o feminino. O machismo pode ser discutido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes e, por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série

de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele. Tal superioridade é o que legitima a violência contra a mulher e/ou ao feminino. Muitos homens ainda acreditam que a mulher deve servir/obedecer aos mandos e vontades deles, como se não fossem donas de si mesmas, e parte daí a base que sustenta a violência nos relacionamentos afetivos (MATTES; ROCHA, 2016; MARRETTO; TEIXEIRA-FILHO, 2008). Os símbolos que reproduzem o machismo são passados de geração a geração pela cultura, e ganham “vida” através da linguagem.

No Brasil, o tipo de violência contra a mulher que adquiriu mais visibilidade é a violência conjugal e nas demais relações afetivas (NASCIMENTO; CORDEIRO, 2011). Apesar de ser incomum, a violência nas relações amorosas contra homens também existe, fato que é marginalizado socialmente. Avena (2010) explica que a violência na intimidade contra homens os atinge de maneira a fazê-los se sentirem muito constrangidos.

A partir da revisão de literatura, observamos que a maioria dos estudos sobre abuso nas relações juvenis aborda a figura masculina como perpetradora da violência e a mulher como vítima, porém essa visão é contradita, em que alguns relatos permeiam uma relação de violência mútua, com os papéis de agressor/vítima assumidos ora por um companheiro, ora por outro, ou seja, o casal se complementa nesse processo de violência (LEVY; GOMES, 2008; ALVIM; SOUZA, 2005; ROSA; FALCKE, 2014; CARIDADE; MACHADO, 2006).

A ideia da mulher sendo violenta é difícil de ser assimilada, pois isso vai contra o estereótipo da passividade e desproteção feminina. Na diversidade dos relacionamentos jovens, as agressões são mútuas e a vítima as encara erroneamente como demonstrações “normais” de ciúme, minimizando e naturalizando os episódios de violência (MANUEL, 2014).

A agressão física de autoria feminina é justificada por ser uma forma de revidar outra agressão vinda do masculino: “ele não queria que eu saísse, aí ele me puxou e me deu um tapa (...) e eu também fui pra cima dele!”. Os tapas são o tipo de agressão física mais praticado pelas meninas e precedem ou ocorrem concomitantemente às ameaças, às

agressões verbais e comportamentos controladores. Essas agressões são consideradas banais, pois não trazem danos significativos aos seus parceiros (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Por outro lado, homens que experienciam violência são relutantes em registrar as agressões, uma vez que a vergonha e a noção de gênero que permeia a visão de masculinidade impedem esses registros (ALDRIGHI, 2004). Ainda de acordo com a mesma autora, para dar conta e explicar a origem da violência nas relações afetivas temos de abandonar a visão linear de vítima e agressor, e dirigir a atenção ao reconhecimento de mitos e crenças sobre violência nas relações afetivas que sustentam tanto a compreensão do leigo, como a dos profissionais atuantes nessas práticas.

Com a flexibilização das relações afetivas, observa-se novas maneiras de relacionar-se, que também possuem a presença de violência. Tudo começa no que define-se como “flerte ou paquera”, que é um repertório de conquista do jovem. É um jogo emocional extremamente individual, pois cada um tem uma maneira diferente de flertar, podendo envolver olhares insinuantes, uma piscada de olhos e afins, porém a finalidade é demonstrar interesse afetivo-sexual no outro. É uma espécie de ritual social, aprendido por experiência vivida e, dependendo das particularidades do indivíduo, este vai ter mais facilidade ou dificuldade nesse processo (DE JESUS, 2005).

A expressão ‘ficar’ é usada para caracterizar uma fase de atração sem maiores compromissos e que pode envolver desde beijos até contatos sexuais (RIBEIRO *et al.*, 2011). Aponta-se a existência de uma diferenciação recorrente entre as relações estáveis - o ‘namoro’ - e as relações eventuais - que podem ser ‘paixão’ ou ‘ficar’. Há a possibilidade de existir continuidade (ou não) entre estes tipos de relações: ‘ficar’, se apaixonar e namorar (SCHUCH, 1998).

Se compreende o “ficar” como um relacionamento ocasional, na maioria das vezes com a duração de apenas algumas horas. A prática mais comum envolve beijos, abraços e carinhos, não implica compromissos futuros e é visto como um relacionamento passageiro, superficial, sem maiores envolvimento profundos, com a ausência de exclusividade e de compromisso, a descartabilidade do outro e

a não-obrigatoriedade da presença de sentimentos. É um encontro de um dia ou uma noite que pode ir de uma simples troca de beijos a uma relação sexual. Um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer, é a maneira mais fácil de chegar perto um do outro sem se comprometer. O ficar é um ato que tem muita influência sobre o namoro nos dias de hoje. Beijar e trocar carícias com alguém, sem ter compromisso algum, é uma forma atual de procurar a pessoa ideal para namorar, sendo uma espécie de test drive para encontrar um parceiro, se constituindo como resultado de um jogo social e cultural que implica uma aprendizagem amorosa que pode se tornar um relacionamento estável (JUSTO, 2005).

As características da experiência do ‘ficar’ parecem se encaixar com as perspectivas da juventude como época da vida em que a sexualidade está no auge e à flor da pele e os papéis sexuais se definindo. Assim, a vida amorosa e sexual está inserida em um contexto de busca de identidade e de autonomia, e a escolha dos parceiros amorosos é uma forma de aprendizado da sexualidade não restrita à genitalidade (RIBEIRO *et al.*, 2011).

Uma pesquisa realizada em 2005 constatou que a maioria dos jovens prefere namorar a ficar (41% dos meninos e 72% das meninas). Isso deve-se ainda à perspectiva idealizada das relações amorosas, à expectativa de encontro de um parceiro ideal que o realizará em todos os âmbitos da vida (DE JESUS, 2005; RIBEIRO, 2011; JUSTO, 2005).

No ficar, como não há obrigatoriedade, observa-se a manifestação da violência através das exigências de um parceiro para com o outro, por exemplo. Noções como exigir a exclusividade sexual de um parceiro enquanto este outro não a mantém pode ser considerado uma forma de violência. O que justifica essa exigência é a noção egoísta de dominação de um parceiro sobre o outro. É um tipo de forma de controle que permite a liberdade sexual apenas de um parceiro mesmo não havendo comprometimento entre os dois. As expectativas de um sobre o outro podem ser motivadoras de comportamentos controladores, portanto o “ficar abusivo” pode ser bastante comum.

O namoro é caracterizado pela estabilidade da associação entre duas pessoas, que é inversamente relacionado à probabilidade que uma pessoa vai deixar o relacionamento. Refere-se à adesão de uma pessoa a uma relação específica mesmo quando fatores ambientais se interpõem contra a associação. Essa relação íntima estabelece um laço que confere segurança emocional neste momento de distanciamento das relações parentais. Para além do período final da adolescência, considera-se que a capacidade de construir e manter relações íntimas constitui um dos principais critérios de saúde mental e de satisfação interpessoal (BERTOLDO; BARBARÁ, 2006).

Essa perspectiva assume uma noção de “relacionamento puro”, que é centrado no compromisso, na confiança e na intimidade, de modo que os parceiros tenham garantias da estabilidade do relacionamento ao mesmo tempo que este deve durar enquanto for satisfatório para ambas as partes. Essa concepção de intimidade ganha relevância em face da relação de caráter romântico, na qual o parceiro era idealizado e nele era projetado um futuro a ser compartilhado - a base da família nuclear tradicional. É uma relação afetiva constante e duradoura, tendo o compromisso como o elo de ligação e a afetividade sempre presente (DE JESUS, 2005).

O namoro envolve encontro para uma interação social, em atividades conjuntas e com intenção implícita ou explícita para continuar o relacionamento, até o momento que uma ou outra parte decida rompê-la, ou que um relacionamento mais próximo seja estabelecido, tal como: coabitação, noivado ou casamento (CASTRO, 2009). É percebido como a entrada do jovem no mundo dos adultos. Uma de suas principais peculiaridades é a inclusão do relacionamento no âmbito familiar, marcado pelo conhecimento dos pais sobre o relacionamento e pela frequência do parceiro à casa da família (RIBEIRO *et al.*, 2011; OLIVEIRA *et al.*, 2007).

Já no namoro, a violência é um comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão, coerção sexual, abuso emocional e comportamentos controladores (MURTA *et al.*, 2013). Ela se instala de maneira muito sutil, podendo ser desencadeada por questões simples, como palavras

ou empurrões e, com o passar do tempo, evolui até tomar medidas incontroláveis em intensidade e torna-se cada vez mais frequente.

O abuso entre namorados é expressão clara da violência de gênero, pois se caracteriza por atos que geram danos físicos ou emocionais, perpetrados com abuso de poder de uma pessoa contra a outra, que acontecem em relações desiguais e assimétricas, produzidas por normas de gênero que naturalizam as noções de masculino e de feminino. Fato curioso é observar que a agressão física da namorada contra o namorado representa, para as garotas, a recusa em ocupar um lugar submisso diante do parceiro, produzindo reações fisicamente violentas às investidas opressoras, controladoras e agressivas por parte dos namorados (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

A literatura mostra que as mulheres sempre foram tratadas pelos homens com base na violência, assumindo um papel de subordinação. Muitas mulheres, em algum momento das suas vidas, terão estado ou estarão inseridas numa relação abusiva que envolve atos de violência, sendo que a ocorrência desses atos abusivos é mais provável em relações afetivas mais duradouras e em que existe coabitação (CARIDADE; MACHADO, 2006).

Jovens envolvidos em violência na intimidade – vítimas ou perpetradores – geralmente não procuram ajuda profissional. Diante desse fato, a elaboração de medidas de prevenção que auxiliem na identificação precoce do problema é um desafio para os profissionais (SOARES *et al.*, 2013). Entre os jovens brasileiros, a maior parte deles convive com tipos diferenciados de violência nas relações amorosas, especialmente violência psicológica e sexual (OLIVEIRA, 2014).

Entre os jovens que se envolvem em vários relacionamentos violentos, a gravidade da violência tende a aumentar a partir da primeira para relações posteriores. Jovens que tiveram um relacionamento abusivo eram mais propensos a se envolver em um posterior relacionamento do mesmo tipo (tornando esse fenômeno crônico), do que aqueles que não tinham vivenciado violência em relacionamentos anteriores, ressaltando que ele é uma pandemia que afeta a todos e perpassa grupos étnicos, culturas, níveis socioeconômicos e educativos e tem raízes históricas e culturais (OLIVEIRA, 2014; BESERRA *et al.*, 2016).

A gravidade da violência nas relações juvenis prende-se com o fato de esta funcionar como um precursor da violência conjugal quando a relação está mais consolidada e institucionalizada (OLIVEIRA *et al.*, 2016). Entretanto, muitos jovens afirmam que algum comportamento abusivo pode ser aceito, como, por exemplo, o controle do outro através da censura de roupas e telefonemas e cerceamento da liberdade. As atitudes controladoras estão também relacionadas a um compromisso com o parceiro, e é frequente que vítimas de agressões confundam atos controladores e ciúmes com atenção, prova de amor e preocupação por parte do perpetrador (DIXE *et al.*, 2010). A violência entre jovens no namoro é semelhante à violência doméstica nos adultos, ou seja, tende a aumentar ao longo da duração da relação (MANUEL, 2014).

A perpetração da violência e a vitimização compartilham, em parte, os mesmos fatores de risco, como testemunhar violência entre os pais, ser vítima direta de violência pela família, sofrer abuso sexual, conviver com pessoas que são violentas com seus parceiros, ter crenças machistas, aceitar a violência como meio natural de resolução de conflitos e ter déficits em habilidades sociais assertivas ou de manejo da raiva e autocontrole emocional (MURTA *et al.*, 2013).

Os estudos que se aproximam do núcleo familiar têm demonstrado como os vínculos iniciais estão correlacionados com os comportamentos na vida adulta, ao longo do ciclo vital, de crianças agredidas ou negligenciadas, as quais têm mais probabilidade de se tornarem adultos violentos. Inúmeros estudos sobre violência conjugal apontam o início das agressões na fase de namoro, e, no período da formação universitária, encontramos a maior incidência da formação de casais e o início da constituição de famílias, o que pode determinar um padrão de relacionamento ao longo do ciclo vital (ALDRIGHI, 2004).

Nas relações de abuso, há uma falta de habilidades sociais e assertividade para lidar com as demandas do dia a dia. A assertividade é a capacidade de expressar sentimentos honestos, sem constrangimento, ou exercitar seus próprios direitos sem negar os direitos do outro. O comportamento socialmente habilidoso ou assertivo refere-se à expressão, pelo indivíduo, de atitudes, sentimentos (positivos e negativos), opiniões e desejos, respeitando a si próprio e aos outros,

existindo, em geral, resolução. Os comportamentos socialmente hábeis incluem não só a asserção, mas também outras variáveis como comunicação, resolução de problemas e cooperação. A empatia é ligada às habilidades sociais, como uma atitude complementar ao comportamento assertivo (SBICIGO; LISBOA, 2009).

No contexto de relações entre jovens, têm-se observado que a satisfação na relação, a resolução de problemas e a capacidade de comunicação têm um grande impacto no sucesso de uma relação íntima. A satisfação individual com a relação está diretamente relacionada com a violência. Comparando as relações violentas com as relações não violentas, os sujeitos nas relações que envolvem violência reportam menos satisfação com a relação e um decréscimo na atração pelo seu parceiro agressor. Paralelamente, pessoas que não são capazes de se expressar e comunicar eficazmente estão em maior risco de se envolverem em situações de violência no namoro (MANUEL, 2014).

Nas relações de abuso, é comum a explosão da violência física após uma série de maus tratos psicológicos anteriores (ROSA; FALCKE, 2014). A violência psicológica é refletida como tendo como parâmetro os limites e regras de convivência, sendo complicadas não só sua identificação por terceiros como também a sua denúncia, visto que não possui materialidade. A violência verbal como extensão da violência psicológica é a que mais ocorre nas relações entre os jovens e enfatiza que a sua elevada frequência contribui para que esta seja banalizada, porque é comum e aceitável em algumas situações (BESERRA *et al.*, 2016).

A humilhação, os insultos e as ameaças ao (à) parceiro (a) definem de um modo geral a violência psicológica e emocional nas relações abusivas. Também estão descritos como exemplos de abuso psicológico o controle de certas atividades, a tentativa de destruir a autoestima e autoconfiança, e a de isolar a pessoa dos seus amigos e família, o comportamento de possessividade irracional ou demasiado ciúme e mesmo terrorismo emocional sobre o parceiro. O abuso emocional tem origem no desejo do (a) agressor (a) de controlar o comportamento da outra pessoa, tentando dessa forma diminuir a sua

autoconfiança e limitando a sua capacidade de agir. Relativamente, este tipo de agressão é tão frequente em homens como em mulheres, porém, os homens estão mais propensos a aumentar a intensidade do abuso quando sentem que estão a perder o controle, podendo mesmo recorrer a violência física (MANUEL, 2014).

Vale ressaltar que 50% a 75% dos jovens envolvidos em violência continuam seus relacionamentos mesmo após intervenções sociais, legais e policiais (ALDRIGHI, 2004). Então, considera-se que a violência na intimidade não se manifesta apenas pelo uso da força física, mas também pela ameaça de usá-la e pelas agressões não-físicas, que variam entre gritos e xingamentos, exposição pública, entre outras. A violência psicológica contribui para o desgaste das relações e, de tanto se repetir, torna-se “natural”, além de ser o tipo de violência, juntamente com a coerção sexual, mais comum nos relacionamentos entre jovens (ALVIM; SOUZA, 2005; CARIDADE; MACHADO, 2006).

Sobre a violência sexual, esta é silenciada e invisibilizada do ponto de vista social pelos estereótipos de gênero, em que “o homem não consegue se controlar” e se ele “não tem mulher em casa, encontra mulher na rua”. A construção cultural de gênero e patriarcado sempre colocou a mulher a “serviço sexual do homem”, estando submissa ao mesmo, que é considerado o “ativo” social e sexual nas relações que controla a sexualidade feminina e a empurra para a reprodução, retirando-lhe o direito ao prazer. Alia-se ao fato de que a construção do gênero feminino também abstém a mulher de informações e afirmações sobre vivência da sexualidade.

De acordo com Caridade e Machado (2008), homens e mulheres experimentam níveis similares de coerção sexual nas suas relações amorosas, porém se reconhece que a investigação da coerção sexual praticada pelas mulheres é mais limitada. A violência sexual no âmbito das relações amorosas acontece desde o ficar até as relações mais institucionalizadas como o casamento. Ela é permeada especialmente pela coerção, ameaças e pressão psicológica do parceiro íntimo no âmbito privado, e está pouco evidenciada ou inexistente nas estatísticas disponíveis e intimamente ligada à violência física. A literatura também mostra que a violência sexual no âmbito dos relacionamentos

amorosos se manifesta na objetificação sexual da mulher, que é uma situação de opressão e desigualdade.

A objetificação sexual é o processo primário de sujeição das mulheres, pois, nas representações masculinas, a mulher continua a ser considerada como um objeto que se deseja adquirir (e depois exibir), mais do que como um sujeito com o qual se estabelece uma relação (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005).

Considera-se estupro nas relações amorosas a violência sexual empregada contra a mulher na união afetiva em qualquer instância, praticada pelo seu próprio parceiro, mediante violência física ou moral (BARBOSA; TESSMANN, 2014). Os indicadores de vitimização sexual entre as estudantes universitárias são três vezes mais elevados do que os registrados na população em geral (CARIDADE; MACHADO, 2008).

A conduta típica da violência sexual é o próprio ato em si, obtido com o uso da violência física ou psicológica e também formas de assédio, como carícias indesejadas. Assim, o tipo subjetivo do crime de estupro é específico: o constrangimento consciente do autor, mediante o emprego de violências, com o fim de consumir o ato sexual: que é a realização da vontade do agressor, sem pensar nos desejos da vítima, oprimindo-a ao seu controle e vontade. O agressor conduz a vítima a uma forma de não resistência por inibição ou enfraquecimento das faculdades mentais. A utilização de drogas, embriaguez, anestesia são formas de predispor o estupro. Naquela, o agente utiliza meios materiais como a força física para impedir a resistência da vítima. Nesse sentido, o agressor vale-se da superioridade da força física para concretizar a relação sexual, dessa forma, agredindo também a integridade corporal da vítima (TEIXEIRA *et al.*, 2004).

Observa-se que a violência psicológica antecede o estupro nas relações afetivas. Quando não consentido, o agressor usa de intimidações, desmoralizações e manipulação emocional para conseguir seu objetivo, e a vítima cede ao desejo do agressor temendo a agressão física ou por entender que, por estar em uma relação afetiva, tem como obrigação fazer sexo no momento em que o parceiro desejar. Quando o agressor não consegue o consentimento, o próximo passo é justamente a violência (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005).

Podem ser citados como tipos de violências sexuais beijar quando o (a) parceiro (a) não quer; tocar sexualmente e forçar a fazer sexo quando o (a) parceiro (a) não quer e usar a ameaça para tentar fazer sexo, toques indesejados, realização de fetiches indesejados, a insistência em não utilizar preservativo e outros comportamentos que infrinjam a liberdade do (a) parceiro (a) (BESERRA *et al.*, 2016).

Oliveira *et al.* (2016) explicam que o ciúme e a infidelidade são fatores que legitimam e justificam as agressões físicas entre jovens, tanto por parte dos meninos quanto por parte das meninas. Tal legitimidade encontra respaldo em normas de gênero que se expressam na violência como construção da masculinidade. O ciúme provocado pela infidelidade, real ou suposta, é apontado como principal disparador dos conflitos no namoro. Conflitos esses que podem evoluir para brigas e atitudes violentas entre os parceiros. Associado ao cuidado entre aqueles que se amam, o ciúme é percebido como negativo pelos jovens somente quando é considerado exagerado.

Algumas pessoas são temerosas de que seus parceiros encontrem outros parceiros potencialmente mais atraentes e gratificantes do que elas, e, dessa forma, alimentam uma insegurança afetiva. O ciúme desenvolve-se quando pensamos que nosso (a) parceiro (a) não está tão estreitamente conectado (a) conosco como gostaríamos, observa-se quando um relacionamento valorizado é ameaçado devido à possível interferência de um rival e pode envolver sentimentos como medo, suspeição, desconfiança, angústia, ansiedade, raiva, rejeição, indignação, constrangimento e solidão, entre outros. É o sentimento de apreensão relacionado à possibilidade de sermos abandonados. É uma emoção experimentada por um indivíduo que percebe que o amor, a afeição e a atenção do parceiro podem estar sendo encaminhados a uma terceira parte, quando julga que estas oportunidades deveriam estar sendo-lhes oferecidas. Surge devido a fatores tais como cooperação, competição e medo da substituição pelos rivais, mas a nossa cultura ocidental valoriza e faz apologia a determinadas manifestações de ciúme como manifestações de afeto, de zelo ou até de amor que uma pessoa sente por outra (ALMEIDA;

RODRIGUES; SILVA, 2008; CANEZIN; ALMEIDA, 2015; COSTA *et al.*, 2014; OLIVEIRA *et al.*, 2016).

As pessoas ciumentas permanecem ambivalentes entre o amor e a desconfiança de seu parceiro, tornando-se perturbadas, com labilidade afetiva e obcecadas por triangulações, muitas vezes imaginárias. Dessa forma, os ciumentos conflitam entre o medo de descobrir a infidelidade real dos seus parceiros, e, não constatando a infidelidade, descobrir que sofrem de uma forma de delírio de ciúme. O ciumento permanece em um estado de constante vigília, ansioso, estressado e aflito, prevalecendo frequentemente atitudes agressivas, acusadoras, desconfiadas, o que causa grandes problemas na evolução da relação (CENTEVILLE; DE ALMEIDA, 2014; ALMEIDA; RODRIGUES, SILVA; 2008).

Ao experienciar o ciúme, o (a) parceiro (a) enciumado (a) pode ter comportamentos que vão desde alterações fisiológicas, pensamentos e sentimentos que se relacionem com medo da perda e insegurança até comportamentos agressivos. Todos esses como uma reação à possível perda do parceiro amoroso. A pessoa ciumenta não consegue manter uma relação de objetividade com os fatos, de maneira que eles são interpretados a partir de uma perspectiva obsessiva, favorável às suspeitas. Quando a pessoa se mostra ciumenta, há uma solicitação direta ou indireta de provas de amor. Quanto mais demonstrações de ciúme, maior é o cuidado e carinho que ela recebe e, portanto, menor é a chance de o (a) parceiro (a) o (a) abandonar (CANEZIN; ALMEIDA, 2015).

Mulheres são mais vitimizadas de diversas formas por conta do ciúme romântico, mas raramente dão queixa das agressões que sofrem por esse motivo, o ciúme sexual masculino é um dos fatores de risco para que a mulher seja submetida a várias formas de violência pelo parceiro, sendo o ciúme excessivo um fator de risco para a saúde da relação (SMEHA; OLIVEIRA, 2013; CENTEVILLE; DE ALMEIDA, 2014).

A construção da masculinidade é permeada pela violência, em que essa se expressa nos relatos de meninos e meninas quando qualificam a agressão física como algo intrínseco ao ser homem e percebem-na como algo mais praticado pelos namorados contra suas parceiras do que o contrário. Nesse contexto, sentir-se traído (nem sempre se tem evidência da infidelidade) é considerado bastante grave pelos

jovens do gênero masculino, para quem a “traição” seria uma forma de humilhação, podendo provocar atitudes impulsivas e violentas. Porém, a crença de que ser infiel é da “natureza do homem” também persiste no imaginário feminino (OLIVEIRA *et al.*, 2016).

Os motivos que mantêm uma pessoa em um relacionamento abusivo podem ser os mais diversos. Souza e Da Ros (2006), ao analisarem a violência contra a mulher, postularam que os motivos que as mantêm em um relacionamento abusivo perpassam por pressupostos voltados à construção do gênero feminino, a convivência com o medo, o tempo de relacionamento, a dependência financeira e a dependência emocional.

Esta última seria um dos principais fatores de risco para a permanência em um relacionamento violento, principalmente nas relações amorosas. A dependência emocional é definida como um padrão crônico de demandas afetivas insatisfeitas que são projetadas nos parceiros afetivos, caracterizadas por um apego excessivo (se não patológico). As pessoas que apresentam dependência emocional são descritas como submissas, com dificuldades de tomar decisões em seus relacionamentos, sentindo-se responsáveis por todos os acontecimentos e centrando-se completamente em sua relação, com uma carência de autoestima. Assim, tendem a prestar cuidados excessivos ao outro, mesmo que isso implique em se autonegligenciar. Aparentemente, homens que são emocionalmente dependentes de suas parceiras tendem a desempenhar mais frequentemente o papel de abusadores, enquanto que as mulheres dependentes tendem a ser vítimas (BUTION; WECHSLER, 2016; SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2007).

O dependente emocional tem características de um funcionamento obsessivo e tem medo de ser abandonado, além de ser mais impulsivo e ciumento. Portanto, no caso dos homens, ao perceberem algum perigo em sua relação, seja ele real ou imaginário, podem tornar-se violentos e abusar de suas parceiras. No caso das mulheres, que geralmente são apontadas como vítimas, a dificuldade de término de relacionamento ocorre pelo medo de ficarem sozinhas e pelo sentimento de estarem atadas à relação e voltadas ao cuidado do parceiro. O caráter de adição da dependência emocional torna ainda mais difícil romper o relacionamento, principalmente pelos sintomas

de fissura e abstinência que acometem o indivíduo ao tentar sair da relação. A essência da dependência emocional nas relações amorosas não é ser amor, e sim medo - de estar só, de não ter valor, de não merecer amor, de vir a ser abandonado (BUTION; WECHSLER, 2016; SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2007).

As formas de violência citadas nesta pesquisa não ocorrem separadamente e podem complementar-se entre si, bem como serem reforçadas por dispositivos de controle da pessoa maltratada, como o isolamento espacial e/ou social, acusações morais e controle financeiro. Percebe-se, assim, que raramente ocorrem formas isoladas de violência, uma vez que esta se articula com outras relações de poder que transcendem os níveis elementares de cada forma de violência (MANUEL, 2014).

As vítimas de violência tendem a sentir-se sozinhas, assustadas, envergonhadas, culpadas, desconfiadas, inseguras, confusas, tristes, ansiosas e estes sentimentos são naturais, uma vez que se encontram numa situação complicada de resolver e ultrapassar. Manifestam baixa autoestima, podem apresentar também sintomas de mal estar físico (cansaço, insônia, dores de cabeça, entre outros). Os níveis de ansiedade da vítima podem aumentar pelo fato de esta poder reviver cognitivamente o evento de violência do qual foi alvo (MANUEL, 2014).

Sendo a violência uma demanda de ordem social, ela, em seus diversos tipos e desdobramentos, deve ser prevenida e combatida. É necessário entender os jovens como alvos de intervenção de prevenção primária, como cidadãos ativos de mudança, capacitados para interiorizar novos conhecimentos, de desconstruírem mitos, de adquirirem competências e utilizarem e refletirem sobre estas eficazmente, de forma a alterar os seus comportamentos, quer a nível pessoal quer a nível comunitário (MANUEL, 2014; ABRAMO; PAULO, 2004; MANDELLI *et al.*, 2011; ROSA *et al.*, 2008).

Uma relação afetiva afeta o indivíduo de maneira global. Um relacionamento abusivo pode trazer consequências catastróficas. Os impactos da vivência desse tipo de relacionamento na vida de um jovem acadêmico universitário podem ser os mais diversos. É importante destacar que essa forma de violência se configura como

um precursor da violência intrafamiliar e está associada a outros danos à saúde mental, para parceiros de ambos os sexos, como depressão e transtorno de estresse pós-traumático (MURTA *et al.*, 2013).

Além do mais os jovens que reportam experiência de violência nas relações afetivas estão mais propensos a elevados consumos de substâncias, a ter problemas de desempenho no emprego, na faculdade (levando a evasão acadêmica), ter problemas de controle de peso, infecções sexualmente transmissíveis, gravidezes indesejadas e problemas com ansiedade. Numa situação mais extrema, a experiência de violência pode levar muitas vítimas a tentar ou consumir o suicídio (MANUEL, 2014). Na idealização do relacionamento afetivo ainda se observam resquícios do amor romântico que pode servir de base de raciocínio para se explicar a invisibilidade da violência nesse espaço de relacionamento (GOMES, 2011).

# **CAPÍTULO 3**

**PERCURSO METODOLÓGICO**

## DESENHO DA PESQUISA

Esta pesquisa seguiu a resolução 466/2012 e a resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que norteiam a pesquisa com seres humanos no Brasil e foi aprovada pelo Comitê de ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas, inscrita sob o código CAAE: 79529417.3.0000.5020, podendo ser consultada a partir do parecer nº 2.456.202. Vale ressaltar que a pesquisa foi financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, através de uma bolsa de mestrado via demanda social.

A pesquisa teve caráter qualitativo exploratório a partir da abordagem histórico-cultural, em que, para Vygotsky, todo conhecimento é constituído na inter-relação entre as pessoas e o ambiente. Essa é uma abordagem metodológica que prioriza o processo de transformação com seu objeto de estudo, evidenciando o papel ativo das pessoas na construção de sua própria existência (MYNAYO, 2004). Compreende-se que o objeto de estudo desta pesquisa foram os significados atribuídos ao fenômeno relacionamento abusivo por acadêmicos da UFAM. Bock (2009) explica que os significados são conceitos sociais construídos historicamente e compartilhados por um grupo.

A pesquisa qualitativa possui como elemento primordial o olhar criativo do pesquisador para a construção do conhecimento, sendo fundamentalmente interpretativas na tentativa de entender os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (CRESWELL, 2010; AUGUSTO *et al.*, 2013; BREAKWELL *et al.*, 2010). Entende-se também que este estudo teve um caráter transversal, por situar aspectos da população investigada em um momento específico, bem como apresenta também um caráter exploratório, objetivando conhecer um determinado

objeto de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto no qual ela se insere (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995).

Esse tipo de pesquisa se mostrou um recurso adequado na compreensão dos significados, pois estes são a preocupação essencial do investigador nessa modalidade de construção do conhecimento. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, que tem como preocupação o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. Aqui o pesquisador usa sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados (GODOY, 1995). A pesquisa qualitativa tem como bases teóricas a noção de que a realidade social é vista como construção e atribuição de significados. Ela dá ênfase no caráter processual e na reflexão. Nesse modelo de pesquisa, as condições “objetivas” de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos (GUNTHER, 2006).

### **LÓCUS DA PESQUISA**

A pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Ela foi criada pela Lei Federal 4.069-A, de 12 de junho de 1962, porém se instalou três anos depois, em 17 de janeiro de 1965, e só recebeu a denominação de Universidade Federal do Amazonas por disposição da Lei nº. 10.468, de 20 de junho de 2002. O objetivo da instituição é ministrar o ensino superior e desenvolver o estudo e a pesquisa em todos os ramos do saber e da divulgação científica, técnica e cultural.

Escolhemos uma universidade para a realização da pesquisa porque esta é um local de encontro de diversidades, de aquisição de papéis sociais e afins (CORROCHANO, 2013). Ela tem um papel fundamental no desenvolvimento histórico do jovem, educando-os para desempenhar a autoridade social e política, transcendendo questões como economia e trabalho, formando sujeitos sociais críticos

(GIROUX, 2010). Além de que, no decorrer deste projeto, apresentaram-se dados sobre a incidência de violência de gênero na universidade, evidenciando o quanto jovens acadêmicos possuem potencial para se envolver em casos de violência. Escolhemos a UFAM enquanto lócus, pois, na época da pesquisa, a universidade estava construindo uma política institucional de equidade de gênero, então, a pesquisa teve potencial de auxiliar nessa construção.

### **PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Inicialmente, foi proposta a participação de 36 jovens, porém, devido a problemas de adesão durante o processo de coleta, foram escolhidos 16 participantes que são acadêmicos em nível de graduação nessa instituição. Participaram da pesquisa quatro pessoas que se intitulavam do gênero masculino e doze que se intitulavam do gênero feminino. A coleta foi finalizada por conta da saturação dos dados. Segundo Minayo (2017), a saturação refere-se a um momento no trabalho de campo em que a coleta de novos dados não traria mais esclarecimentos para o objeto estudado, ou seja, quando os objetivos da pesquisa forem atingidos ou as falas dos participantes começarem a se repetir, a coleta de dados é encerrada. Como critérios de inclusão, adotamos as seguintes medidas: Ser acadêmico de algum curso de graduação da UFAM e ter idade entre de 18 e 29 anos. Para os critérios de exclusão, dispusemos: Não ser acadêmico da UFAM, estar fora da faixa etária 18-29 anos, não demonstrar interesse em participar da pesquisa, se, durante a pesquisa, decidir não participar mais dela e se, após a coleta de dados, decidir retirar seus dados. O pesquisador adentrou as salas de aulas da Universidade e apresentou a pesquisa e os objetivos, fazendo o convite aos acadêmicos. Aquelas pessoas que se dispuseram a participar e atenderam aos critérios de inclusão receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para assinatura, comprovando que estavam cientes da pesquisa e seus objetivos.

## COLETA DE DADOS

Para coletar dados, foram utilizados Grupos Focais (GF) e entrevistas semiestruturadas individuais. O GF é uma técnica que supõe a obtenção de dados a partir de uma entrevista em grupo. É um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir um tema, que é o objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal. Seu objetivo consiste em captar, entre os sujeitos, percepções, sentimentos e ideias, fazendo emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado. Para a realização do trabalho é necessário seguir alguns critérios, tendo em vista o problema em estudo, como, por exemplo, se os participantes possuem algumas características em comum ou que eles tenham uma vivência ou afinidade com o tema em discussão (GATTI, 2005).

Esta técnica pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais e significados de grupos humanos. Mesmo estando apoiada na noção de entrevista grupal, o papel do entrevistador e o tipo de abordagem apresentam diferenças. O entrevistador grupal exerce um papel mais diretivo no grupo, pois sua relação é diádica, ou seja, com cada membro. Este assume uma posição de facilitador do processo de discussão sobre um determinado tema. O entrevistador pretende ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas; sendo assim, o seu nível de análise é o indivíduo no grupo, tendo como objetivo obter uma variedade de informações, experiências e representações sobre o objeto da pesquisa (GONDIM, 2003; KIND, 2004; OLIVEIRA; FREITAS, 1998). Ao realizar a entrevista em grupo, o objeto de estudo se desloca da perspectiva do indivíduo para o social, sendo essa uma forma de aproximação e interação com os participantes (DUARTE, 2002; IERVOLINO; PELICIONI, 2001).

Os pesquisadores atuaram como coordenadores do GF, respeitando o princípio da não diretividade, conduzindo a discussão sem interferências indevidas entre os participantes. Existia um interesse no que as pessoas pensam e expressam, e no porquê pensam dessa ou daquela forma,

para isso, é preciso criar condições para que os participantes atuem, efetivamente, nas discussões (GATTI, 2005). Os coordenadores foram auxiliados por dois pesquisadores previamente treinados no uso da técnica para auxiliarem nos registros dos discursos e movimentações que ocorram ao longo da entrevista em grupo. Foram observados os critérios éticos estabelecidos na Resolução CNS 466/12 e CNS 510/2016 sobre pesquisas com humanos.

Como técnica de pesquisa qualitativa, o GF foi escolhido porque consiste justamente na interação entre os participantes e o pesquisador com o objetivo de colher dados a partir da discussão focada em tópicos específicos e diretivos (nesse caso, relacionamento abusivo). Sendo os significados uma construção coletiva, essa técnica se mostra apropriada no atendimento dos objetivos da pesquisa. No GF, os membros do grupo têm a oportunidade de ouvir outros pontos de vista sobre o assunto discutido e essa experiência geralmente é positiva para eles também porque permite ao pesquisador aumentar o número de participantes na pesquisa (KRUEGER, 1994).

A coleta de dados, a partir deste instrumento, tem como uma das maiores riquezas basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. O GF permite a obtenção de dados válidos e confiáveis de forma rápida, em que o pesquisador tem a oportunidade de ouvir vários sujeitos ao mesmo tempo (KIND, 2004), cabendo ao moderador a criação de ambiente favorável para as discussões para que os participantes possam se manifestar diante da temática proposta. Vale ressaltar que foi utilizado o gravador de áudio para auxílio na transcrição dos dados e essa utilização obteve permissão de todos os participantes do GF (TRAD, 2009; LEITÃO, 2003).

No que diz respeito à quantidade de participantes do GF, a literatura varia nas recomendações, não havendo consenso entre as pesquisas (KIND, 2004), porém, vale ressaltar que a quantidade de participantes necessários em um grupo focal é aquela que permita a participação plena de todos os sujeitos e a discussão adequada do tema (TRAD, 2009). Inicialmente, planejou-se realizar três grupos focais com até doze participantes em cada grupo, porém, devido a problemas de adesão dos participantes na pesquisa, foi realizado um

grupo focal com oito pessoas, sendo três do gênero masculino e cinco do gênero feminino (SIMÃO, 2006). O grupo foi reunido no laboratório de desenvolvimento humano e educação da faculdade de Psicologia da UFAM. A reunião durou em torno de uma hora.

Aliada ao grupo focal, foi utilizada a entrevista semiestruturada com amostragem por saturação por conteúdo como recurso de coleta. A entrevista é um instrumento de coleta de dados quase infinitamente adaptativo. Trata-se de uma conversação dirigida a um propósito definido que não é a satisfação da conversação em si, antes é uma forma de interação social que valoriza o uso da palavra, símbolo e signo privilegiados das relações humanas, por meio da qual os atores sociais constroem e procuram dar sentido à realidade que os cerca. A entrevista na pesquisa qualitativa, ao privilegiar a fala dos atores sociais, permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigações cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo, favorecendo o acesso direto ou indireto às opiniões, às crenças, aos valores e aos significados que as pessoas atribuem a si, aos outros e ao mundo circundante (FRASER; GONDIM, 2004).

Na entrevista semiestruturada, existem tópicos a cumprir, mas as questões precisas e sua ordem não são fixadas, permite-se que elas sejam desenvolvidas no diálogo com o entrevistado. Permite-se ao participante discorrer o quanto achar necessário sobre o que diz respeito à questão (BREAKWELL *et al.*, 2010). Essa técnica visa propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado (DUARTE, 2004). A sua utilização requer planejamento prévio, desde a escolha do participante, do local, do modo ou mesmo do momento para sua realização (BELEI *et al.*, 2008).

A entrevista, na pesquisa qualitativa de debruçada na abordagem histórico-cultural, é marcada por essa dimensão do social. Ela não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica. Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega

o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social (FREITAS, 2002).

O convite para as entrevistas ocorreu no mesmo estilo do convite para o GF. Os pesquisadores se inseriram em alguns locais comuns de sociabilidade como os Centros de convivência e também as salas de aula. Nessas últimas, após a autorização do professor responsável, os pesquisadores se apresentaram à turma e explicaram os objetivos e procedimentos da pesquisa, deixando um contato disponível para aqueles que estivessem interessados, entrassem em contato e, assim, pudéssemos marcar um dia/horário para a coleta. Nos centros de convivência, a abordagem foi individual e seguiu o mesmo procedimento.

As entrevistas tiveram duração média de 40 minutos e ocorreram em uma sala privada na clínica de psicologia aplicada da universidade e no laboratório de desenvolvimento humano e educação de maneira também privada. Foi utilizado um roteiro de entrevista (Apêndice B) que corresponde aos temas que foram discutidos no grupo focal e nas entrevistas baseados nos objetivos da pesquisa. No roteiro da entrevista constava-se um disparador, que foi a pergunta: O que é um relacionamento abusivo? E, após a livre resposta, perpassamos por temas como: Formas de abuso mais comuns, características da vítima e do autor da violência e o que fazer ao se deparar com esse tipo de relacionamento. Foram entrevistados oito participantes, sendo sete do gênero feminino e um do gênero masculino.

## **CONSTRUÇÃO DO CORPUS**

Após a coleta dos dados e transcrição, foi realizada a leitura e organização de cada uma das entrevistas. Em consonância com os objetivos propostos, realizei diversas leituras flutuantes com a intenção de levantar as falas que pudessem ser significativas na compreensão dos aspectos concernentes a um relacionamento abusivo.

Para identificação dos participantes do GF, foi utilizada a letra P aliada a um número, conforme sua disposição na roda de conversa. Dessa forma, temos o exemplo: “P1, P2, P3... P8”. Nas entrevistas semiestruturadas, os participantes escolheram flores que os

representam na discussão, sendo: Rosa Branca, Margarida, Girassol, Jasmim, Flor de lis, Orquídea, Petúnia, Alecrim. O sigilo foi respeitado nesta pesquisa, para que não haja danos aos participantes. As falas foram analisadas na forma como foram elaboradas, sem proceder a correções ortográficas mantendo-se fiéis ao discurso elaborado.

## ANÁLISE DOS DADOS

Os dados colhidos foram analisados a partir da análise de núcleo de significação, que é uma proposta construtiva e interpretativa, realizada em algumas fases, sendo:

1ª fase: A transcrição e leitura dos dados colhidos, visando levantar os temas/conteúdos que se destacaram. Tais temas se revelam em trechos de fala compostos por palavras articuladas que compõem um significado, que dão indícios da forma de pensar, sentir e agir do sujeito, que, como ser mediado pela história, se apropria das características de sua cultura e as converte em funções psicológicas. Ao destacarmos a importância da palavra, referimo-nos não a qualquer palavra, e, sim, à unidade do pensamento verbal e da fala intelectual, isto é, a palavra com significado.

2ª fase: As palavras serão significadas em seu contexto. Os temas serão aglutinados seguindo os critérios de semelhança, complementaridade e contraposição.

3ª fase: Inferência e sistematização dos núcleos de significação, buscando se aproximar dos significados construídos pelos sujeitos. É um momento especificamente voltado para a síntese. Nesta etapa, se tem como critério central a organização dos núcleos, por articular e sintetizar todos os possíveis conteúdos resultantes do processo de análise empreendido desde o levantamento dos pré-indicadores, esta é a que mais se distancia do empírico e se aproxima da realidade concreta, isto é, dos significados constituídos pelo sujeito acerca da realidade na qual atua (AGUIAR; OZELLA, 2013; AGUIAR *et al.*, 2015; SOARES *et al.*, 2015).



# **CAPÍTULO 4**

**COMO JOVENS SIGNIFICAM UM  
RELACIONAMENTO ABUSIVO?**

Com a finalidade de compreender os significados atribuídos por jovens acadêmicos da UFAM a relacionamentos abusivos a partir dos dados coletados, foi possível aglutinar 19 indicadores e, destes, surgiram (5) núcleos de significação, que serão apresentados a seguir. A organização dos núcleos é exemplificada logo abaixo:

**Quadro 1.** Pré-indicadores e indicadores dos núcleos de significação

<b>PRÉ-INDICADORES</b>	<b>INDICADORES</b>
É uma pessoa ter o controle da outra	1. Controle das ações do outro
Você tem horário para chegar em casa	
Me vi ali dentro de uma coleira	
Me controlava contornando as conversas	
É como se uma pessoa quisesse se tornar dona da outra	
A falta de liberdade que fica na relação	2. Falta de liberdade
Quando eu ia pra algum canto, ele já falava que eu não podia isso e aquilo	
Eu não tinha liberdade pra sair	
Elas só podiam fazer atividades que o parceiro (a) queria	
Cê não tem liberdade pra falar tudo o que você pensa, tudo que você quer	
Pra qualquer atitude tinha que pisar em ovos	
Tem que ter cuidado com o que faz ou diz	
A falta de liberdade que fica na relação	

Caso não se sujeite, vai acontecer uma briga entre os dois	3. Retaliações
Ela fala pra outra pessoa que vai sair e ela pira com isso e começa a ter uma briga séria	
Ele ameaçou terminar o relacionamento caso eu saísse com uma amiga minha	

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017.

**Quadro 2.** Exemplo de Indicadores e Núcleo de Significação

INDICADORES	NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO
Controle das ações do outro	COMPORTAMENTO CONTROLADOR
Falta de Liberdade	
Retaliações	

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017.

## OS SIGNIFICADOS QUE JOVENS ACADÊMICOS ATRIBUEM A RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

### NÚCLEO N° 1: CIÚMES

O ciúme apareceu amplamente relacionado com o risco de vivenciar várias formas de abusos na relação. Esse signo emergiu como um mediador entre o afeto e a violência, como relatado na fala de Margarida: *Durante uma briga por conta de ciúmes, em meio a inúmeras ameaças, eu perguntei se ele me amava, pra estar fazendo aquilo. Ele me respondeu: é que eu é que quero te dar amor, se eu não posso, ninguém mais pode.* A atitude de possessividade do parceiro pode levar à tentativa de aprisionamento do outro, pelo temor que o ciumento tem de que seu parceiro seja mais forte e que possa viver sem ele (SEO, 2006). Geralmente, as manifestações de ciúme vêm acompanhadas de comportamentos que causam danos e desconforto, como relata

Orquídea: *Eu já cheguei a me exceder, a gritar com ele, mas, assim, foi violência psicológica.*

O ciúme acaba por desgastar a relação e criar um clima de tensão entre os parceiros, como relatado por Girassol: *Quando você sente ciúme, você sufoca tanto a pessoa, que você não dá o espaço dela.* Segundo Falcke e Razera (2014), as pessoas tendem a ter, nas ligações afetivas, um desejo de exclusividade e possessividade perante o parceiro amoroso, sentindo direito de propriedade.

O ciúme também está ligado ao medo da perda da pessoa amada, na fala de Rosa Branca, podemos perceber: *Eu praticava natação e ele reclamava porque eu ficava de sunga e o pessoal olhava, essas coisas ele não gostava. Ele era muito ciumento.* Tenta-se afastar o parceiro de todas as pessoas percebidas como rivais, como mostra a fala de Flor de Lis: *O ciúme que eu falo é aquele de tentar impedir o parceiro de falar com outras pessoas.*

As redes sociais apareceram como um fator relacionado ao ciúme. Observemos a fala de Margarida: *O cravo tinha bastante ciúmes... tipo ele via meu celular e começou a bloquear meu ex escondido e eu não sabia. Ele entrava no meu instagram, no facebook escondido e bloqueava.* As redes sociais funcionam como um ambiente cotidiano social e, nesse sentido, pessoas envolvidas em um relacionamento podem usar da rede para ter, paralelamente, uma aproximação com outros (as) parceiros (as) potenciais. O ciúme é provocado e piorado com a ajuda dos recursos disponíveis nos dispositivos tecnológicos (CANEZIN; ALMEIDA, 2015).

O ciúme evolui como uma defesa, uma resposta às ameaças da possível infidelidade e do possível abandono por parte de um parceiro (SEO, 2006). Observemos a fala de P1: *Ele acaba tendo ciúme possessivo até demais, então, quando ela passa por um homem qualquer, ele puxa ela e fala: você não pode olhar pra ele, você não deve falar com ele.*

Nesse grupo, outra questão importante é perceber que o ciúme não está relacionado aos comportamentos do parceiro, mas, sim, por conteúdos de insegurança autoestimativa da pessoa ciumenta. Observemos a fala de Orquídea: *Quando eu via uma menina que eu achava que por acaso ele podia olhar pra ela, eu já ficava mal, já ficava de cara feia, ríspida.*

A partir do discutido acerca do ciúme, podemos avançar para um aspecto importante nos relacionamentos abusivos, o comportamento controlador.

## NÚCLEO Nº 2: COMPORTAMENTO CONTROLADOR

Neste núcleo foram organizados (5) cinco indicadores, sendo: Controle das ações do outro; Falta de Liberdade; Retaliações; Necessidade de estar perto e Afastamento dos Amigos, que descrevem algumas características dos relacionamentos abusivos vivenciados por este grupo de jovens: *Relacionamento abusivo é uma pessoa ter o controle da outra* (P7). As tentativas de controle que os parceiros tentam exercer sobre o outro perpassam diversas esferas: *É como se uma pessoa quisesse se tornar dona da outra* (P1), *Me vi ali, dentro de uma coleira* (P3).

Tais falas corroboram Murta *et al.* (2013), ao explicarem que uma questão marcante nos relacionamentos abusivos são as excessivas tentativas de controle que um parceiro tenta exercer sobre o outro, no objetivo de isolá-lo para si. O comportamento controlador se dá de maneira discreta: *Coisas que são sutis mas que acabam sendo atos de controle e repressão* (P6). Tal controle retrata uma relação de dominação, na qual não se considera o espaço do outro, como observado na fala de Jasmim: *É um relacionamento de desrespeito à individualidade do outro.*

O controle tem o objetivo de manter a pessoa dentro do relacionamento, ao mesmo tempo que desarticula possibilidades de saída dele, como relatado por Petúnia: *Porque dentro de um relacionamento abusivo é muito importante manter o parceiro, então tem essa necessidade de manipular o outro pra que ele fique nesse limiar entre estar no relacionamento e não sair do relacionamento.*

O controle é manifestado até mesmo em relação às atividades que a mulher deve ou não fazer no dia a dia, como relatado por Flor de Lis: *Elas só podiam fazer atividades que o parceiro queria.*

Outra fala demonstra uma relação que prioriza as vontades de um sobre o outro, principalmente no que diz respeito à liberdade dentro da relação. Essa questão apareceu de duas formas distintas, sendo a liberdade de ir e vir: *Eu não tinha liberdade pra sair, o que ele gostava*

*de fazer (Rosa Branca), e uma proibição que ela saia com os amigos, proibição que ela vá pra outro lugar sozinha, ou mesmo conhecer ou só porque quer [sair para] pensar (P4). As proibições funcionam como um dispositivo que garanta a disponibilidade integral do parceiro: Como se fosse uma necessidade dele estar perto (P4). Há a dificuldade de socializar com outras pessoas, pois as proibições são constantes, como mostra a fala de P4: proibição que socialize com as pessoas. Quando o parceiro controlado consegue, de alguma forma, exercer alguma atividade sem o parceiro controlador, o controle é exercido mesmo de longe, como relatado por P1: Sempre que eu ia pra algum canto, ele já falava que eu não podia isso, não podia aquilo.*

Os dados aqui expressados corroboram Guareschi Mattes e Facco Rocha (2016), ao discutirem que os comportamentos controladores muitas vezes evidenciam o sentido de subordinação feminina, pois, de todos os relatos nesta pesquisa, apenas o de Rosa Branca e P4 são relatos masculinos. A subordinação feminina foi algo fortemente presente nas entrevistas. Bourdieu (2011) explica que a dominação masculina ocorre de maneira sutil e simbólica nas práticas cotidianas, que subjagam o feminino de forma naturalizada e fazem as mulheres voltarem suas atenções em direção à satisfação masculina para a manutenção da relação.

Ainda observa-se que as atitudes de controle aqui se manifestaram-se em consonância com Krug *et al.* (2002) e Coelho (2018) ao explicarem que o controle é tido desde as questões mais sutis, perpassando por proibições de atividades do dia a dia e exigência de explicações e relatórios constantes sobre o que estão fazendo e com quem estão.

A questão da liberdade também apareceu como forma de expressão/repressão. Como mostra a fala de P4: *Cê não tem liberdade pra falar tudo o que você pensa, tudo que você quer. Ali você tem que ter um certo limite pras coisas que você vai falar.* Tal significado é corroborado por Flor de Lis: *Pra qualquer atitude tinha que pisar em ovos, tinha que ter cuidado com o que se faz ou diz.*

As falas acima se aproximam da situação de tensão relatada por diversos autores no que diz respeito ao ciclo da violência nos relacionamentos abusivos. Ocorre entre o casal um aumento

progressivo do estresse por situações corriqueiras do dia a dia, em que a vítima precisa ter constantemente cuidado para evitar uma possível explosão do parceiro. Os desentendimentos são menores, mas constantes, e têm por objetivo manter a homeostase da relação através do controle (LUCENA *et al.*, 2016), como evidenciado na fala de Margarida: *Qualquer palavra que eu falasse com muita sinceridade, ele ficava com raiva, a gente logo discutia, tinha muitas brigas.*

As situações de controle, por terem o objetivo de manterem o “equilíbrio” perverso da relação, por si só já caracterizam uma forma severa de violência, porém essas situações também são anteriores aos processos de violência mais graves (GUARESCHI MATTES; FACCO ROCHA, 2016), ou seja, ocorreram retaliações quando as pessoas do grupo entrevistado não se submeteram ao controle do parceiro, como fala P7: *Caso não se sujeite, vai acontecer uma briga, assim entre os dois.*

As retaliações em caso de não subjugação ao controle do parceiro dentro da relação também envolveram ameaças, como mostra P1: *Chegou o momento em que ele ameaçou de terminar o relacionamento caso eu saísse com uma amiga minha; dar “gelo” no parceiro, como na fala de Rosa Branca: E houve uma vez que eu saí com meus amigos, falei que iria sair com eles e ele falou que não era pra eu sair e, mesmo assim, eu fui pra um aniversário e, quando eu voltei pra casa, ele não falou nada comigo e meio que me deu um gelo.*

As retaliações também envolveram a possibilidade de infidelidade em resposta à não subjugação. Ainda na fala de Rosa Branca: *Quando a gente foi conversar, ele falou que tinha saído também e falou que só saiu porque eu tinha saído com meus amigos e também que se tivesse acontecido alguma coisa na festa (ele ter ficado com alguém) não era pra eu reclamar justamente por eu ter saído com meus amigos. Eu ter saído legitimava pra ele uma liberdade para a infidelidade.*

Dado comum no discurso de vários participantes foi o isolamento social. Conforme o relacionamento ia se firmando e as práticas de dominação e controle se fortalecendo, os participantes se viram cada vez mais distantes do círculo social que frequentavam antes do relacionamento. Observemos a fala de Rosa Branca: *No primeiro ano foi o ano que ele conseguiu acima de tudo me isolar de todas as pessoas*

*que estavam perto de mim, e ele todo carinhoso, todo engajado, foi o ano que ele me isolou.*

Houve um progressivo esforço para isolar a vítima para si, mesmo que denegrindo a imagem dos amigos, conforme a fala de P3: *Eu cheguei a me afastar de vários dos meus amigos. E essa era uma coisa que ele fazia também: Essa pessoa não serve pra ser sua amiga, você não precisa dela, olha só como ela é, não é uma pessoa pra estar com você, eu não quero você falando com essa pessoa e fui perdendo os amigos.*

As tentativas de isolamento do parceiro para si remontam a uma característica controladora que tenta manter a exclusividade da atenção do sujeito para o relacionamento. Outra forma de controle dentro da relação emergiu nos dados através da perseguição, conforme fala de Rosa Branca: *Ele me perseguia muito. Ligava pra todos os meus amigos pra saber onde eu estava.*

A partir disso, ter um relacionamento pode significar que não se deve ter sua sociabilidade distante de seu parceiro. Observe a fala de Rosa Branca: *A gente tinha a mesma roda de amigos, antes da gente namorar, todo mundo era amigo, quando a gente começou a namorar, ele começou a me distanciar desses amigos... no final, eu percebi que eu estava sozinho. Eu não conseguia ver mais ninguém perto de mim a não ser ele, era tenso demais.*

As falas descritas corroboram o que Krug *et al.* (2002) e Coelho (2018) explicam: que impedir que o parceiro veja os amigos funciona como um ato de controle proposital, malicioso e repetitivo. Sendo que o comportamento controlador se configura como uma consequência do ciúme, que é também compreendido como uma forma de violência, discutiremos agora como este serve de base para outras formas de violência.

### NÚCLEO N° 3: VIOLÊNCIAS

Discutiremos este núcleo a partir das formas de violência que emergiram em três indicadores: Violência Psicológica; Violência Moral e Violência Física.

- **Violência Psicológica**

Todo ato de violência implica o sentido de privação em algum nível. Isso significa que, muito além da questão física, a violência envolve a capacidade de alguém tirar de outro algo que lhe é importante em algum sentido (nesse caso, a liberdade de expressão, de ir e vir e afins). Privar nos despoja de alguma coisa, de nossa vida, de nossos direitos como pessoas e como cidadãos. A violência nos impede não apenas de ser o que gostaríamos de ser, mas, fundamentalmente, de nos realizar (SIQUEIRA *et al.*, 2009).

A forma de violência mais recorrente no grupo pesquisado foi a violência psicológica, pois esta tende a ser muito mais prevalente do que a violência física nas relações entre jovens (BARREIRA; LIMA; AVANCI, 2013). Como já definido no referencial teórico, essa forma de violência é uma das mais difíceis de se identificar. Ela afeta a multidimensionalidade da vítima, porquanto sua invisibilidade deixa marcas causadas por sua frequência, e a trivialidade com que é tratada, desestrutura a identidade individual (BARBOSA *et al.*, 2011).

O uso de palavras como forma de agressão foi um dos dados mais presentes na pesquisa, como mostra a fala de P5: *Palavras, sabe? Eu acho que é o que mais dói, porque fica na gente.* A referida fala corrobora Beserra *et al.* (2016), ao explicarem que a violência verbal é uma extensão da violência psicológica e é a que mais ocorre nas relações entre os jovens. Mesmo ocorrendo de maneira frequente, ela é banalizada, porque é comum e aceitável em algumas situações. A violência verbal tem como ponto de partida os padrões de dominação e submissão entre homens e mulheres em diálogos, mas as percepções de ofensa dependem do contexto: aquilo que é considerado ofensivo, para

determinado interlocutor, em certa situação, pode não ser percebido da mesma forma em situação distinta (BALOCCO; SHEPHERD, 2017).

A fala de Alecrim também nos mostra uma dimensão da violência psicológica: *Tinha medo das coisas que ele podia fazer pro meu psicológico, sabe. Pressão que ele fazia, as palavras. Ele me chamava de termos pejorativos, que eu era muito fraca: ‘Tu não tem força, te ajeita, vai cuidar da tua vida, tu só estuda. Tu só sabe estudar, essa é tua única qualidade’, ele descia o pau em mim.*

A violência é, principalmente, uma forma de relação e de comunicação permeada pela linguagem, que é um aspecto central da condição humana. Certas expressões da língua dependem de um contexto para serem interpretadas. Observamos então a presença da violência na linguagem da relação por conta de todo o contexto ao qual ela está atrelada. Entendemos que a linguagem também pode ser usada na forma de ação violenta, pois viola o corpo ou uma estrutura de afetos. A linguagem não é somente uma mera representação de eventos ou situações no mundo, mas uma forma de agir, nesse caso, violentamente (SILVA; DE ALENCAR, 2013).

As ameaças também surgiram como forma de violência psicológica mais comuns dentro de um relacionamento abusivo e se manifestam principalmente em relação a tentativas de término. Observemos a fala de Margarida [ao relatar o término do namoro]: *Ele começou a me ameaçar, falava ‘se tu começar um relacionamento com qualquer pessoa, eu vou infernizar tua vida. Olha, eu vou te pegar, como é que vai ser? Porque a gente mora um pertinho da rua do outro. Eu vou passar na tua, e eu vou te vigiar a cada momento’.*

A ameaça é uma forma de violência destinada a perturbar a liberdade psíquica e a tranquilidade da vítima, pela intimidação ou promessa de causar dano a alguém, futura ou imediatamente (PRADO, 2010).

A fala de Margarida corrobora Oliveira *et al.* (2011), quando explicam que o momento em que as ameaças se fazem mais presentes no relacionamento é quando há a tentativa do término do namoro. As ameaças são consideradas uma forma de agressão psicológica na medida em que são usadas como meio de pressionar, constranger e/

ou chantagear a parceira, além de serem, muitas vezes, predecessoras das agressões físicas e de se expressarem por meio de palavras ou gestos (CECCHETTO *et al.*, 2016).

Geralmente, as ameaças ocorreram aliadas a chantagens. Observemos a fala de Petúnia: *Ele falava que ia se matar se eu não fizesse isso ou aquilo, que ia embora. Essa chantagem me devastava, fez eu querer morrer ano passado, eu tentei me matar ano passado várias vezes por causa dessa pressão e de outras chantagens, se eu fizesse tal coisa, ele ia se matar, ou ele ia embora e nunca mais ia falar comigo. Eu não falava um não pra ele, eu tinha medo de ele fazer algo com ele por causa de mim.*

- **Violência Moral**

A violência psicológica apareceu aliada à violência moral na fala de Alecrim: *Meu ex me ignorava por dias se eu fizesse, ficava me chantagendo se eu saísse, que ia falar mal de mim, que eu não prestava, que eu tava traindo ele.*

A fala de Alecrim tipifica uma forma de violência descrita na Lei Maria da Penha, que é a Violência moral, compreendida como toda ação destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação da mulher (CARNEIRO; FRAGA, 2012). Essa forma de violência, como um tipo de abuso psicológico através de agressões verbais ou gestuais, tem como objetivo aterrorizar, rejeitar, humilhar a vítima, restringir a liberdade ou, ainda, isolá-la do convívio social (COELHO, 2018; SIQUEIRA *et al.*, 2009).

- **Violência Física**

A violência física apareceu neste contexto, ainda que em grau menor que a violência psicológica na fala de Margarida: *Ele já me agrediu fisicamente. Dizia que era brincadeira. Houve um dia em que estávamos na brincadeira e ele veio ameaçar me dar um tapa e eu respondi: ‘olha você não faça isso por que eu nunca levei um tapa do meu pai, por que eu vou levar de você?’ Aí morreu. Da outra vez, ele veio “brincar de novo” e aí me deu um tapa leve, aí eu revidei com um tapa de verdade.*

Flor de Lis contribui para pensarmos na ocorrência de violência física dentro da relação: *Os dois podem ser vítimas, geralmente quando uma pessoa tem uma conduta agressiva, tem uma outra que também é, pode acabar sendo mútuo os abusos. A pessoa pode acabar se vingando de outras formas.*

Os dados encontrados nesta pesquisa corroboram a noção da violência atravessando toda a relação em uma perspectiva mútua, com os papéis de agressor/vítima assumidos ora por um companheiro, ora por outro (LEVY; GOMES, 2008; ALVIM; SOUZA, 2005; ROSA; FALCKE, 2014; CARIDADE; MACHADO, 2006), vale ressaltar a agressão física de autoria feminina sendo justificada por ser uma forma de revidar outra agressão vinda do masculino (OLIVEIRA *et al.*, 2016; MANUEL, 2014).

#### **NÚCLEO Nº 4: O PERPETRADOR**

Este núcleo apresenta as características observadas pelos acadêmicos do perpetrador da violência dentro da relação afetiva. Os indicadores organizados são: Falta de habilidades sociais; Insegurança hiper compensada com o poder; Manipulador.

- **Falta de habilidades sociais**

O perpetrador foi percebido como alguém com baixas habilidades sociais como resultado de uma frustração com a vida. Observemos a fala de Alecrim: *Ele é frustrado, muito frustrado com a vida. Ele não sabe lidar com as coisas, não tem muitas habilidades sociais, uma pessoa que controla outra nesse nível, sei lá, não sabe lidar com as coisas...*

A violência aparece então como estratégia para lidar com as demandas do relacionamento; segundo Jasmim: *É uma pessoa que tem poucas habilidades sociais e não as desenvolve bem. E usam a violência como resultado da falta de habilidades sociais.*

Os achados desta pesquisa corroboram Sbicigo e Lisboa (2009) e Murta *et al.* (2013) ao explicarem que a falta de habilidades sociais é fator de risco para a violência nas relações afetivas.

- **Insegurança hiper compensada com o poder**

A autoestima refere-se ao que o indivíduo pensa e sente em relação a si mesmo (FELICISSIMO, 2013), ela é construída, é uma conquista pessoal, inalienável e intransferível (DE ANDRADE; DE SOUZA, 2010). A pessoa insegura em relação a si própria, além de ter problemas com o ciúme, como observado na fala de Girassol: *Eu acho que o ciúme vem com insegurança, vive com a sensação de que seu parceiro o trocará a qualquer momento. A insegurança funciona como uma base para a manifestação do ciúme.*

Essa insegurança pode acontecer por diversas razões. Na literatura, encontramos a reflexão de que o sujeito que apresenta uma autoestima rebaixada pode não se sentir bem consigo mesmo, e pode ter medo que seu parceiro possa encontrar alguém com melhores adjetivos, e em razão disso vive na angústia de que esse fato se concretize (TURATTI; LUCAS, 2016).

As pessoas com baixa autoestima podem ser carentes de afeto. Tal questão depende de diversos construtos do contexto em que o sujeito construiu sua história. A fala de Margarida nos ajuda a entender: *Ele queria provas de que eu gostava dele o tempo todo. Essa carência geralmente é histórica.* Para obter “proteção” (segurança afetiva) faz-se necessária a presença do outro na vida delas e precisar do outro muitas vezes as coloca numa condição de fragilidade (DA SILVA; MARINHO, 2002). Esse movimento de cobrança de confirmações sobre a veracidade da relação também funciona como uma forma de opressão e subversão da parceira através do poder.

O poder pode ser discutido como uma ação que exprime força, persuasão, controle, regulação. É a possibilidade de alguém impor a sua vontade sobre o comportamento de outras pessoas (FERREIRINHA; RAITZ, 2010; SILVEIRA, 2000). Observei o processo de compensação da insegurança pela utilização do poder, o qual foi percebido pelos participantes em relação ao perpetrador de abusos na intimidade, como na fala de P6: *São pessoas inseguras, mas que ao mesmo tempo querem fazer tudo pra estar no poder, então tem esse jogo: eu sou um pessoa totalmente insegura, mas quero demonstrar poder sobre isso.*

O poder é utilizado para manter a pessoa na relação e dentro dela, é uma forma de mediação através da linguagem ao comportamento controlador, principalmente do sobre a mulher. Observemos a fala de P3: *Eu enquanto nos relacionamentos abusivos que eu já me vi dentro, [os perpetradores] são pessoas totalmente inseguras, a forma que elas têm de te manter ali é realmente estabelecendo esse poder autoritário em cima de você.* A fala de P6 nos ajuda a entender o papel do poder na relação: *A questão do poder seria fazer com que a pessoa nunca o deixe.* O poder é percebido como algo que obriga o (a) parceiro (a) a permanecer na relação; de acordo com P7: *Eu acho que a pessoa pensa que a força vai fazer a pessoa ficar próximo. Se eu puxar o braço dela, ela vai ficar aqui, se não ela vai embora.*

Em outro momento, a insegurança compensada com o poder apareceu aliada a ameaças, como uma forma de garantir a proteção/retaliação em relação a uma possível infidelidade. Observemos a fala de P3: *Eu acho que, a partir disso, a gente pode ver o quão insegura a pessoa é. Pra ela ter que falar: Eu vou te agredir fisicamente se você me trair, é como se eu falar isso, a pessoa não vai me trair. É uma forma de tentar se defender de isso acontecer, olha o nível de insegurança da pessoa [ao ouvir o relato de ameaça de agressão, caso houvesse a infidelidade].*

A fala de P3 corrobora os achados de Oliveira *et al.* (2016), em que a exigência de fidelidade no relacionamento afetivo legitima as agressões físicas.

- **Manipulador**

Uma outra característica percebida pelos participantes da pesquisa foi a manipulação, que apareceu de diversas maneiras. Ela ocorre quando se dispõe de condições para invadir os limites do eu do outro, constringendo-o a ações ou revelações muitas vezes não aceitas, quando avaliadas no momento ou posteriormente. Também quando se manipula o outro em benefício próprio (KERBAUY, 2002).

A sedução apareceu como uma forma de manipulação na fala de Jasmim: *Ele não era violento, ele era muito sedutor e manipulador, essa é a palavra.*

Dentro da relação, a manipulação tem a função de garantir benefícios a um em detrimento do outro, como evidencia a fala de Rosa Branca: *Ele manipulava toda a situação e na hora eu não percebia que estava cedendo.* Funciona também como uma forma de regular o diálogo entre os parceiros, como mostra P3: *É essa questão mesmo de eu não conseguir falar porque a pessoa vai virar aquilo contra mim.* Em outros momentos, a manipulação surgiu como uma forma de colocar as pessoas contra o parceiro que sofre a violência, como garantia da manutenção/retomada do poder na relação. Observemos a fala de Margarida: *Ele manipulava situações, ele fazia minha mãe achar que eu humilhava ele. E por mais que eu falasse para minha mãe que não era assim, ela não acreditava que aquele menino com aquela carinha, com aquele jeito tão doce, tão delicado, podia estar mentindo. E ele mentia muito, demais mesmo.*

A manipulação também apareceu como uma forma de atingir a autoestima da vítima, no intuito de mantê-la presa ao relacionamento; de acordo com P3: *Eu acredito que um comportamento muito comum num relacionamento abusivo é a pessoa apontar defeitos em você e mostrar olha só o que você tem e, mesmo assim, eu sou uma pessoa tão maravilhosa que eu gosto de você mesmo assim. Outra pessoa não vai gostar de você por isso, isso e isso, mas eu gosto, olha como você é sortudo por me ter.*

As falas aqui descritas corroboram Manuel (2014), quando o autor discorre sobre o objetivo do abuso emocional (em seus diversos desdobramentos), que é atacar a autoestima da vítima, diminuindo sua autoconfiança.

A manipulação funcionou como uma forma de opressão, na qual quem manipula se coloca em um lugar de vítima para manipular, utilizando dos afetos para causar danos, como a culpa, e para conseguir sobrepor sua vontade ao outro, de acordo com Girassol: *Ela se coloca num lugar de vítima ao mesmo tempo em que ela está te oprimindo. É uma forma de opressão.* A manipulação tinha o intuito de fazer o parceiro permanecer sob controle dentro da relação. Ao infringir culpa na vítima, o manipulador conseguia fazê-la permanecer no relacionamento.

Ao observar o papel da manipulação dentro do relacionamento, observou-se o crucial papel da linguagem como um instrumento permeador de violência dentro do relacionamento. A linguagem nomeia, qualifica ou desqualifica atores. A palavra, o meio, a mensagem e a intencionalidade são vetores que integram a comunicação verbal e a possibilidade das práticas violentas, desde as sutis até as mais graves (PIMENTEL, 2013).

### **NÚCLEO Nº 5: VIVÊNCIAS DA VÍTIMA**

Neste núcleo, foram reunidos indicadores que apontam como é viver um relacionamento abusivo e como isso afeta o sujeito. Os indicadores são: Se doar demais; Minhas necessidades são desconsideradas; Vivências e sentimentos diversos; Percebendo o relacionamento abusivo; Justificativas para a permanência no relacionamento e Estratégias para lidar com o relacionamento.

- **Se doar demais**

Este grupo de jovens informou a sensação de se doar demais no relacionamento, sendo que, ao mesmo tempo, a recíproca não ocorre, ou o (a) parceiro (a) recebe violência, conforme a fala de Alecrim: *“você sente que está dando muito e recebendo pouquíssimo em troca, ou, então, o que você recebe é só agressão, é só coisas negativas no geral.”* Jasmim complementa a fala anterior: *“No relacionamento afetivo, eu achava que eu me doava bem mais que ele.”*

Essa orientação para o outro foi algo corriqueiro na fala desse grupo de acadêmicos. A relação, nesse aspecto, se torna uma forma de sucção emocional do outro. A vivência de um relacionamento abusivo implicou no investimento desproporcional de cada parceiro para a manutenção do relacionamento. Percebeu-se que um dos membros do relacionamento se esforça demasiadamente para manter a relação, enquanto poucos são os investimentos do outro. A sobrecarga emocional da relação recaiu sobre as vítimas corriqueiras dos abusos, que tiveram sua saúde mental colocada em risco.

- **Minhas necessidades são desconsideradas**

Ao mesmo tempo que a pessoa se doa de maneira excessiva para manter o relacionamento, houve uma desconsideração do parceiro perpetrador por suas dificuldades, necessidades e desejos. P6: *Parecia que praticamente nada do que eu queria pra minha vida importava.*

Na fala de Alecrim e Petúnia, podemos perceber a desconsideração pelas necessidades e dificuldades do outro, ao mesmo tempo que se prioriza as suas próprias.

Alecrim: *Eu tenho depressão, e ele não respeitava isso, e me chamava de termos pejorativos, que eu era muito fraca, sensível.*

Petúnia: *Eu tenho uns problemas e ele não respeitava esses problemas, foi péssimo, ele forçava, não considerava que era problema, dizia que entendia, mas dizia que as necessidades dele eram mais importantes.*

Os desejos do parceiro não foram considerados, como se este estivesse se relacionando com um sabotador e houve uma falta de apoio na relação, conforme a fala de Rosa Branca: *que quando eu realmente queria fazer alguma coisa, ele vinha com alguma opinião contrária e me botava pra baixo. Nesse momento eu queria fazer direito e ele jogou na minha cara que eu não tinha perfil pra fazer direito e que não era pra fazer esse curso.*

- **Vivências e sentimentos diversos**

Diversas vivências dentro do relacionamento abusivo foram detectadas. Observemos a fala de Rosa Branca: *No final, eu sempre achava que estava errado. E a minha interferência na vida dele não foi tanto quanto a dele na minha. Na minha vida foi muito tenso.*

A culpa e o medo também se mostraram presentes nas vivências dos participantes da pesquisa. Margarida: *Eu vivia com medo.* Tal fala é complementada por P6: *O medo presente nessa relação tá sempre aliado à culpa e ao poder. O medo também te leva a não querer mais fazer aquilo pra respeitar a pessoa ou somente pra não ter que passar por aquilo de novo (situação de violência).*

O processo de culpabilização da vítima, principalmente da mulher, é muito comum em relacionamentos violentos. A cultura que responsabiliza a vítima pelas várias violências que esta sofre, é a mesma que dá benefícios ao homem violento através do patriarcado e machismo. A mulher ainda é vista como a única responsável pelo relacionamento, e, caso haja a ruptura da relação, ela ainda é a culpada por isso também, sendo conotada como fracassada (DE MOURA; HENRIQUES, 2014).

Na fala de P5 também podemos perceber o desenvolvimento de culpa: *Sempre gerando um sentimento de culpa no outro sabe? Mais ou menos assim, mas esse sentimento de culpa que a pessoa faz a vítima sentir, eu acho que é um ponto muito importante. Por que tu quer sair com as tuas amigas? Por que tu não sai comigo? Aí faz a pessoa pensar: Porra eu sou um escroto de querer sair com outras pessoas ao invés de querer sair com ele, sabe? Sempre criando esse sentimento.*

Os parceiros que vivenciaram os abusos acabaram por se sentir sortudos em ter seu parceiro violento na relação, devido às várias formas de manipulação emocional, conforme P3: *A pessoa faz você achar que você tem sorte de tê-la, torna-se muito difícil você lidar com a racionalidade, que é: eu não preciso disso... a pessoa acaba se sentindo mesmo sortuda de ter aquela pessoa que a aguenta mesmo com toda essa série de defeitos que ela vê e mesmo assim quer estar ali.*

- **Percebendo o relacionamento abusivo**

A percepção de se estar em um relacionamento abusivo ocorreu de diversas maneiras. Destaca-se a dificuldade na percepção de se estar em uma relação violenta e como percebe-se a relação abusiva após o fim dela. Observemos a fala de P5: *A gente vê um relacionamento abusivo quando a gente já está fora dele porque quando a gente tá dentro dele, a gente fica acostumado com esse clima de tensão.*

Corroborando a fala de P5, Petúnia nos ajuda a refletir: *E aí tempos depois que eu terminei com ele, eu fui percebendo como funcionaram as coisas, só percebi que foi abuso depois que eu terminei.*

A ajuda externa foi algo presente na percepção dos entrevistados, conforme fala de P5. (o alerta): *Sempre vai vir de terceiros, vão falar:*

*não tá muito legal aí, tá acontecendo alguma coisa? Aí a gente começa a refletir pra se perceber, mas acho que, a gente mesmo, é difícil.*

Rosa Branca também relatou ajuda externa: *Eu fui conversar com um amigo que passava por umas situações complicadas que nem a minha com o namorado e ele tinha um relacionamento de cinco anos e a gente ficava conversando e trocando conselhos.*

A entrada na universidade foi algo que contribuiu para a percepção de se estar em uma relação violenta. Petúnia: *Eu percebi depois que entrei na universidade e conheci o feminismo.* Tal fala corrobora a literatura quando Louro (2000) e Anacleto *et al.* (2013) explicam que os jovens passam por inúmeras reestruturações sociais ao entrar no ensino superior.

A falta de conhecimento sobre o que é abuso dentro da relação afetiva foi algo que dificultou a percepção das pessoas de estarem em uma relação violenta, conforme fala de P3: *Eu acho que uma das formas de você perceber é ter o conhecimento sobre o que é um relacionamento abusivo. Eu me encaixo nisso? Os comportamentos que as pessoas que estão convivendo comigo se encaixam nisso? (...) Você saber o que é o abuso, o que é estar em abuso é muito importante pra você conseguir sair disso.*

Mesmo observando as características violentas, foi difícil para os entrevistados aceitarem estar em um relacionamento abusivo, principalmente mulheres. Orquídea: *A gente observa as características da pessoa e não quer ver e o afeto atrapalha bastante. A fala de Alecrim nos ajuda a entender melhor: Juntando as evidências não é difícil tu olhar ver que é um relacionamento abusivo, mas até eu cair em mim...*

Posso refletir sobre as falas anteriores apontando para as perspectivas de gênero, que ensinam a mulher a “aceitar” ser violentada dentro da relação, fazendo-a não perceber as violências como tal ou até mesmo aceitar que se encontra em uma relação violenta (SOUZA; DA ROS, 2006).

- **Justificativas para a permanência no relacionamento**

O envolvimento emocional aliado aos ganhos secundários surgiram como fatores que justificaram a permanência no relacionamento mesmo tendo a percepção das violências, conforme a fala de Flor de Lis: *Quando*

*as pessoas estão envolvidas emocionalmente, elas toleram algumas coisas que elas não tolerariam de outra forma. Porque é aquela pessoa e meio que ela tem um “passe-livre”. E tem ganhos secundários, tipo, se você ignora isso, você continua no relacionamento com a pessoa que você gosta, talvez seja uma escolha consciente porque ‘ah, vou deixar pra lá porque nesse momento eu me sinto feliz’, eu quero manter esse relacionamento.*

Girassol também contribui explicando os motivos que fazem a pessoa permanecer no relacionamento abusivo: *É uma questão mais de apego e você não delimitar seus limites e deixa levar, tô apaixonado e aquela pessoa pode me dar tudo, inclusive coisas ruins.*

De maneira geral, o envolvimento emocional dentro da relação foi decisivo para a permanência no relacionamento, mesmo com os casos de abuso. P6: (...) *esse apego, essa afetividade foi o que me prejudicou em tomar essa decisão mais rápido.*

A dependência emocional também apareceu como um fator que justificou a permanência no relacionamento violento. Rosa Branca: *eu era muito dependente dele, era uma coisa muito horrível. Ele era o centro da minha vida... se ele sumisse, eu não sabia o que fazer... ele podia fazer o que quisesse, porque ele sabia que eu ia voltar atrás depois.* Na fala de Alecrim, também percebemos a dependência emocional: *Eu gostava muito dele. Eu me liguei muito a ele porque eu só tinha ele.*

Tais falas corroboram Souza e Da Ros (2006) quando os autores discutem que o envolvimento emocional muitas vezes é decisivo para a permanência no relacionamento e que, algumas vezes, esse envolvimento afetivo evolui para a dependência emocional.

Percebeu-se que era a vítima dos abusos que tentava manter o relacionamento de maneira mais preponderante. Rosa Branca: *Nas brigas, ele vinha pra terminar e eu vinha pra tentar reatar.* P6 nos ajuda a entender melhor: *Eu não terminava porque levava em consideração os problemas emocionais dele.* Margarida também contribui para a discussão: *Eu tentei manter de todas as formas a minha relação, mais por ele do que por mim.*

A fala de P4 mostra duas faces da permanência: a preocupação com o bem-estar do perpetrador, a naturalização da violência na relação: (...) *ela aceita os abusos mais pra não magoar a outra pessoa,*

*preocupado com a outra pessoa, no bem-estar dessa e também porque se acostumou com isso e, talvez no início, ela até estranhasse um pouco e não gostasse tanto, mas com o tempo ela acabou se acostumando com aquilo. Com o tempo, vai se tornando uma coisa natural, já vai sendo automático na cabeça dela e ela vai aceitando isso.*

Margarida também permaneceu em seu relacionamento abusivo por conta de uma preocupação com o perpetrador: *Eu tinha medo de magoar ele.* Mais uma vez, observamos a responsabilização da mulher em todo o relacionamento, em que ela abdica de si para manter a relação, mesmo que isso custe a sua saúde em diversos aspectos.

A negação da situação de abuso aliada ao sentimento de culpa pelos abusos sofridos também surgiram como uma justificativa para a permanência na relação, como mostra a fala de P6: *Eu já tinha conhecimento sobre o que era um relacionamento abusivo, mas, ao decorrer desses dois anos, aconteceram casos isolados, então, eu ficava assim: ‘ah, foi só uma vez, ele falou isso mas eu acho que ele não vai falar de novo, isso não vai acontecer de novo’, então, mesmo a gente conhecendo, no meu caso, eu já sabia o que que era, mas eu estava em negação: ‘Não, isso não vai acontecer de novo, isso não vai acontecer comigo, tá tranquilo, ele não vai falar de novo, é só eu não fazer isso também, é só eu não forçar a barra, não vou fazer de novo pra não gerar atrito, esse negócio de relacionamento abusivo não é o meu, porque a pessoa me faz bem, então eu acho que posso relevar isso aqui’, mas não era pra relevar.*

A permanência feminina no relacionamento também esteve relacionada a tentativas de “mudar o parceiro”, estereótipo típico do gênero feminino, como mostra a fala de Margarida: (...) *eu acho que eu queria mudar o cravo, eu coloquei na minha cabeça ‘não, eu acho que posso incentivar ele a ler, a estudar, a um monte de coisas, a se vestir melhor’, então eu tinha isso na minha cabeça, que eu podia mudá-lo. A lei do engano, né, porque ninguém muda ninguém.*

Os dados encontrados corroboram o que explicam Souza e Da Ros (2006), que postulam que os motivos que as mantêm em um relacionamento abusivo perpassam por pressupostos voltados à construção do gênero feminino, à convivência com o medo, à culpa e à dependência emocional.

A dependência emocional torna o rompimento do relacionamento muito difícil. Observou-se também que, nesse grupo, homens que são emocionalmente dependentes de suas parceiras tendem a desempenhar mais frequentemente o papel de abusadores, enquanto que as mulheres dependentes tendem a ser vítimas, corroborando a literatura. A essência da dependência emocional nas relações amorosas não é amor, e sim medo de vir a ser abandonado (BUTION; WECHSLER, 2016; SOPHIA; TAVARES; ZILBERMAN, 2007), como mostra a fala de P4: *Acho que a vítima permanece porque ela acredita que não vai arranjar alguém melhor. Em alguns casos, fica mesmo essa ideia e um medo de se largar aquela pessoa, aquela pessoa não vai mais querer voltar e não vai ter chance nenhuma, não vai ter mais uma vida amorosa parecida com aquilo que ela já tem.*

A fala de P4 corrobora Truninger (1971), que postula que algumas das razões pelas quais as mulheres não rompem o relacionamento com os parceiros abusivos são: elas podem ter autoconceito negativo e a crença de que seus parceiros mudarão, porém é de suma importância analisar a subjetividade da mulher vítima de violência na intimidade, pois, para se conhecer o motivo da permanência dela na relação conjugal violenta, é preciso saber o que a leva ou não a apresentar seus desejos e emoções nessa dinâmica de violência, que, muitas vezes, impossibilita-a à construção de nova maneira de ser ou existir (MELO; PEDERIVA, 2016).

- **Estratégias para lidar com o relacionamento**

As estratégias que o grupo utilizou para lidar com o relacionamento foram diversas, mas vale ressaltar uma percepção do pesquisador no que diz respeito a isso. Os entrevistados, em sua maioria, não sabiam o que fazer durante sua relação abusiva. A confusão aliada aos sentimentos foram fatores que praticamente paralisaram os participantes.

De maneira geral, as estratégias para lidar com o relacionamento violento envolveram o afastamento e o término depois de muitas situações desgastantes e violentas. Observemos a fala de Alecrim:

*No último ano foi o pior ano da minha vida, foi quando a gente passou pela transição do término. A recuperação da liberdade apareceu como algo determinante para o término do relacionamento, conforme Rosa Branca: Então, quando eu comecei a sair com meus amigos e a falar com meus amigos de volta, foi quando eu decidi terminar.*

A consciência de que a permanência no relacionamento funciona como reforçador das violências emergiu nos dados, conforme Girassol: *porque, se você continua, você tá aceitando, reforçando que aconteça de novo e é um padrão que acontece.* Aqui, vale ressaltar que a permanência no relacionamento também pode ser refletida como uma forma de estratégia para lidar com os abusos dentro da relação. O contexto pode oferecer outros instrumentos para lidar com as demandas da intimidade.

O autoconhecimento apareceu como uma estratégia de prevenção a relacionamentos abusivos, conforme fala de Girassol: *Já ouvi histórias de várias histórias de mulheres que se envolvem em vários relacionamentos abusivos... ela vai repetindo um padrão e o autoconhecimento ajuda ela a não repetir esse padrão. É o autoconhecimento que faz ela perceber o que ela merece, precisa. Eu vejo o autoconhecimento, não é mágica, porque é muito difícil, mas é o norte.*


Nesse sentido, podemos compreender o autoconhecimento como a construção do conhecimento sobre si que engloba pensamentos, sensações, percepções, ideias etc. Essa construção ocorre a partir das relações que o sujeito mantém em sua história a partir da internalização dos símbolos e formulações de significados.

Tornou-se difícil para alguns participantes da pesquisa se envolverem em um relacionamento novamente, como mostra a fala de P5: *Eu acho que depois que a gente passa por um RA é até difícil a gente se relacionar de novo, porque até hoje eu fico com os dois pés atrás, assim, por mais que a pessoa não esteja sendo abusiva, qualquer coisa que a pessoa faça, eu já fico: opa, pera aí, e às vezes a pessoa nem tá sendo, é uma coisa normal, sabe? Acaba que a gente leva um pouco isso pra nossa vida, é difícil até mesmo superar e a gente acaba levando...* Percebe-se, pela fala de P5, o medo construído durante a relação, o que pode dificultar a formação de novos vínculos em um futuro dependendo do contexto em que o sujeito estiver inserido.

The background features a large black shape on the left side, with a red semi-circle at the top right. The right side is filled with various shades of pink and red, creating a layered, abstract effect.

# **CAPÍTULO 5**

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**



Para compreender os significados de uma relação abusiva para um grupo de jovens universitários da UFAM é preciso que consideremos o contexto da violência social, tendo em vista os aspectos históricos, sobretudo os referentes às relações de gênero. Um relacionamento abusivo, nesse sentido, mostrou ser um relacionamento de privação de liberdade e direcionamento das energias dos parceiros para a manutenção da relação, ainda que uma manutenção perversa.

A violência nessas relações está atravessada por questões culturais que envolvem a permanente tensão, a produção e a reprodução de modelos e de modos de ser e de estar no mundo (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011). Usualmente, as relações de gênero são previamente reguladas a partir e em benefício do gênero masculino, por meio da construção da imagem simbólica da mulher, como a de um ser humano “outro” (PINHEIRO; ÁLVARES, 2017).

Várias formas de abuso foram observadas, principalmente as emocionais, que usualmente podem evoluir para a violência física quando percebida a possibilidade de não exclusividade defendida pela monogamia. O comportamento controlador foi um dos principais abusos que emergiram dos dados, mostrando uma linha tênue entre violência e não violência dentro da relação. Outras formas de violência, como a física, também emergiram dos dados, sustentada pelo ciúme e medo da infidelidade. Vale destacar também a baixa presença de homens heterossexuais na pesquisa. Pode-se refletir sobre como pode ser difícil para o homem entrar em contato com questões sobre afetividade e intimidade por conta das categorias de construção da masculinidade.

De diversas formas, os participantes relataram a vivência de abusos em seus relacionamentos, mostrando que a violência na intimidade de jovens é um problema social e que merece atenção das políticas públicas. A literatura aponta que a violência na intimidade de jovens

pode não necessariamente iniciar na universidade, mas este evento tende a emergir desde idades mais jovens, quando os envolvidos ainda se encontram no ensino médio e tende a aumentar com a entrada na universidade (FLAKE *et al.*, 2013).

Por consequente, Minayo, Assis e Njaine (2011) mencionaram que a violência nas relações de namoro ou na prática do “ficar” deve ser compreendida em um contexto de violência social, referentes às relações sociais através da história. Portanto, a violência entre jovens namorados vem sendo influenciada por fatores e modelos culturais que geram a reprodução de formas de agir e comportar-se no mundo.

As principais características de um relacionamento abusivo para este grupo foram o ciúme que sustenta o comportamento controlador, principalmente no isolamento social do parceiro, em que este deve voltar-se exclusivamente para a manutenção da relação mesmo que isso signifique suportar formas de violência diversas. O perpetrador foi percebido de maneiras diversas em íntima relação com o contexto em que a violência ocorreu. Já as vítimas viveram as situações abusivas de diversas maneiras, significando os abusos a partir de estratégias construídas ao longo de suas histórias.

A partir dos dados coletados, pode-se levantar discussões relevantes sobre a vivência de relacionamentos abusivos por um grupo de jovens universitários. O estudo possibilitou perceber que os abusos que ocorrem na intimidade muitas vezes são desconsiderados, ou por não serem percebidos como tal ou por serem compensados com uma vivência afetiva satisfatória.

A internalização de vários signos sociais influenciam diretamente na maneira de se viver um relacionamento. Notou-se a figura masculina percebida como relacionada à perpetração de abusos. O patriarcado, ao instituir autoridade à figura masculina, dá poder e privilégios a este enquanto deteriora e agride o feminino, reduzindo a mulher a uma mera espectadora do homem dominador, forte e viril. O machismo, como filho do patriarcado, acaba sendo um dos signos sociais que submete a mulher a diversas formas de subordinação e violência. Portanto, a internalização do patriarcado e a do machismo são algumas das bases da violência perpetrada na intimidade.

De acordo com Butler (2003), a marcação das diferenças entre homens e mulheres tem servido para atribuir características inferiorizadas às mulheres e torná-las subalternas e age também na reafirmação do reconhecimento dos homens como sujeitos universais e de primeira classe. Para a autora, quando se ensina às mulheres a serem “maternais”, “dedicadas”, “dóceis”, “passivas”, ensina-se a submissão e, portanto, a se aceitar qualquer atitude de opressão e violência dos homens. Aos homens são ensinados valores opostos, de “força”, “agressividade”, “dominação”.

A cultura patriarcal predispõe que a relação afetiva para instituição da família é uma das questões centrais da vida do sujeito. Há uma cobrança social para a formação de uma família, mas esta deve ser compreendida enquanto um fenômeno histórico e sociocultural que se manifesta de acordo com o espaço e o tempo (CASTAMANN; VIEIRA, 2009). A partir do exposto, percebeu-se que os signos sociais que ajudam a definir a formação da família já se manifestam nas relações afetivas na juventude. Os papéis de gênero instituem uma relação “funcional” baseada na desigualdade.

A partir da compreensão da influência das desigualdades históricas na organização das relações afetivas, podemos avançar em outros símbolos que estão intimamente ligados entre si. Ao mesmo tempo que a cultura cobra a formação de uma família, ela também impõe um modelo a ser seguido, a monogamia. Baseados na noção de exclusividade afetiva de um parceiro, os sentimentos de insegurança passam a ser construídos com base nos signos sociais (através das relações entre os sujeitos) e acabam se aliando a algumas das estratégias aceitas pela sociedade, como o ciúme. Os comportamentos controladores surgem, então, com base nas relações mantidas pelos sujeitos durante o desenvolvimento da relação, com o intuito de confirmar os pressupostos culturais de exclusividade afetivo-sexual propostos pela monogamia.

Na pesquisa, as violências surgiram como uma forma de tentar garantir a exclusividade afetiva do parceiro (seja pela questão da insegurança e ciúme, mas também como uma forma de punição/prevenção da infidelidade). Aparentemente comum a todas as formas de violência é a tentativa de um parceiro obter controle e poder sobre

o outro. Os comportamentos de intimidação, violência emocional, isolamento, diminuição da vítima, anular ou culpabilizar a vítima, utilizar crenças estereotipadas em relação às funções da mulher, violência econômica, ameaças e coação, ajudam a compreender o significado de poder e controle exercido pelo agressor (CARVALHO, 2012). As violências também apareceram baseadas em outras questões, como a de reforçar o poder masculino sobre o feminino, além de que, na falta de habilidades de gerenciamento emocional, apelou-se para a utilização da violência.

Sabemos que o desenvolvimento do sujeito está entrelaçado ao contexto no qual está inserido, portanto, a construção social da violência diz respeito a relações de poder, de dominação. Não se entende a violência restrita ao espaço individual, como se o agressor possuísse uma índole má, mas é, na verdade, produzida socialmente, sendo um fenômeno social que para ser enfrentado precisará de políticas públicas, políticas educacionais e de respeito ao ser humano (OLIVEIRA; CHAMON; MAURÍCIO, 2010).

Finalizamos este livro com a noção de que muito ainda precisa ser conquistado no que diz respeito a igualdade de direitos e prevenção e enfrentamento a violências na intimidade. Os relatos colhidos mostram que um dos espaços em que a mulher mais corre risco de ter sua saúde fragilizada é no contexto de sua intimidade relacional. A naturalização do papel feminino como responsável por toda a relação empurra a sentimentos de culpa e a move a se direcionar ao máximo para a manutenção do relacionamento, mesmo que isso custe a sua saúde.

A entrada e principalmente a permanência em um relacionamento que pode se tornar abusivo de alguma forma são influenciadas por diversos signos que são atravessados por violência. A violência simbólica, segundo Bourdieu (1989), está presente nos símbolos e signos culturais, especialmente no reconhecimento tácito da autoridade exercida por certas pessoas e grupos de pessoas. Deste modo, ela pode não ser percebida como violência, mas sim como uma espécie de interdição desenvolvida com base em um respeito que “naturalmente” se exerce de um para outro. Como exemplo disto temos a atitude professoral, a qual pressupõe o uso legitimado de estratégias

punitivas em relação aos alunos, como reprovações e castigos, que não se enquadram nos moldes sociais da instituição escolar.

A construção social do afeto possui um papel muito importante nessa empreitada. O afeto e a sexualidade são dimensões humanas que envolvem gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução, experiências que são vivenciadas em fantasias, pensamentos, desejos, crenças, atitudes, valores, práticas, papéis e relacionamentos (MINAYO; ASSIS; NJAINE, 2011).

Por conta dos significados da construção da afetividade, muitos comportamentos violentos podem ser tolerados. A vivência dos afetos dos participantes dentro da relação aponta para um fator de risco preponderante, que é a dependência emocional. Quando se está dependente do outro, os esforços para se manter a relação ultrapassam os limites da saúde. Um relacionamento com perfil abusivo não é uma guerra entre parceiros. As violências começam de maneira sutil e vão aumentando em intensidade progressivamente. Há sim a presença de envolvimento afetivo e as proibições iniciam-se de maneira leve, até chegarem a processos de violência extrema, como a agressão física. As violências podem ser justificadas por frases feitas como: “É o jeito dele (a)”, “Ah, mas ele (a) me trata tão bem”. Tais frases podem esconder um processo de sucção da saúde na intimidade.

A violência pode ser presente de forma explícita através de um padrão contínuo nas relações íntimas entre jovens e que a vivência em um relacionamento abusivo deixa sequelas que acompanham os sujeitos por toda a vida após o fim do relacionamento. Sobre esse último, vale deixar claro que o rompimento da relação quase sempre é traumático. Se livrar de uma relação tóxica pode ser uma das coisas mais difíceis a serem feitas devido a diversos significados que justificam a permanência ali. Nos atentamos à reflexão de que, para o enfrentamento e prevenção da violência na intimidade, é preciso desconstruir diversos signos. Essa desconstrução requer uma ação conjunta de diversos atores e espaços sociais.

A única forma de violência que não emergiu nos dados colhidos foi a violência sexual. Mas as outras formas de violência foram

extremamente presentes. Isso mostra que um relacionamento abusivo é mantido principalmente pela violência psicológica, através de manipulações, comportamento controlador, desconsideração pelas necessidades do parceiro e um jogo de compensação entre ciúmes e insegurança através do poder. O grupo de jovens se mostrou confuso em relação ao que fazer ao se perceber em um relacionamento abusivo, mas a maioria das respostas envolveu o término da relação.

As limitações do estudo envolvem a escolha do instrumento e os procedimentos de coleta de dados. Foi relativamente difícil realizar o grupo focal. Se fosse possível refazer este trabalho, optaríamos primariamente pela entrevista semiestruturada, que se mostrou um bom instrumento, considerando a sensibilidade do tema. A dificuldade de adesão dos participantes se deu basicamente por aquilo que já esperávamos: o constrangimento em relatar ter vivido uma relação abusiva, seja como perpetrador ou vítima, então, um espaço individual pode ser uma boa estratégia para coleta em um tema delicado como este.

A partir do contexto dessa pesquisa, podemos sugerir ações para a universidade, como a inserção de disciplinas obrigatórias em todos os cursos de graduação sobre as relações de gênero, visto que as vivências afetivas e as relações de gênero afetam o sujeito em todos os âmbitos, o desempenho acadêmico também pode ser prejudicado. Essa pode até mesmo ser uma estratégia social para desconstrução dos signos culturais que mantêm pessoas em relacionamentos abusivos. Uma política de equidade de gênero, que estipule ações pedagógicas voltadas às desconstruções dos papéis de gênero pode ser uma outra estratégia dentro da universidade.

Encerramos este livro deixando claro que outros temas atravessaram esse trabalho, porém, devido à limitação de tempo e formato, não puderam ser abarcados, então sugerimos novas pesquisas voltadas aos motivos que levam jovens homens a serem perpetradores de violências e também sobre a ocorrência de violência nas relações entre jovens do mesmo gênero.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H.; PAULO, P. *Retratos da Juventude Brasileira*. Instituto Cidadania. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, abr. 2013.
- AGUIAR, W. M. J.; SOARES, J. R.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 45, n. 155, p. 56-75, mar. 2015.
- ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo - Brasil. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 105-120, jun. 2004.
- ALMEIDA, T.; RODRIGUES, K. R. B.; SILVA, A. A. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 13, n. 1, p. 83-90, abr. 2008.
- ALVIM, S. F.; SOUZA, L. Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 171-206, dez. 2005.
- ANACLETO, A. A. A.; GALLICIANO, V.; TEIXEIRA FILHO, F. S. Relações de gênero, sexualidades e diversidades, um diálogo no espaço universitário. In: *Anais do Simpósio Internacional de Educação III*, Maringá. UEM. Paraná, 2013. 15 p.
- ANDRADE, E. R.; SOUZA, E. R. Autoestima como expressão de saúde mental e dispositivo de mudanças na cultura organizacional da polícia. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 179-195. 2010.
- AQUINO, P. S.; BRITO, F. E. V. Perfil sexual de adolescentes universitários de um curso de graduação em enfermagem. *REME – Rev. Min. Enferm.*, v. 16, n. 3, p. 324-329, jul./set. 2012.

- AUGUSTO, C. A. *et al.* Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober (2007-2011). *Rev. Econ. Sociol. Rural*, Brasília, v. 51, n. 4, p. 745-764, dez. 2013.
- AVENA, D. T. A Violência Doméstica nas Relações Lésbicas: Realidades e Mitos. *Aurora - Rev. de arte, mídia e política*, v. 7. 2010.
- BALOCCO, A. E.; SHEPHERD, T. M. G. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *DELTA*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, dez. 2017.
- BAQUERO, R. Vygotsky: o sujeito e situação, as chaves de um programa psicológico. In: CASTORINA, J. A.; CARRETERO, M. (org.). *Desenvolvimento cognitivo e educação: os inícios do conhecimento*. v. 1. Porto Alegre: Penso, 2014, p. 56-80.
- BARBOSA, C.; TESSMANN, D. F. Violência sexual nas relações conjugais e a possibilidade de configurar-se crime de estupro marital. *Judiciare, Brasil*, v. 6, 1. jun. 2014.
- BARBOSA, R. *et al.* Violência psicológica na prática profissional da enfermeira. *Rev. esc. enferm.*, USP, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 26-32, mar. 2011.
- BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. Q. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 233-243, jan. 2013.
- BAUMAN, Z. *Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BELEI, R. A. *et al.* O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel*, n. 30, p. 187-199, jan./jun. 2008.
- BERTOLDO, R. B.; BARBARÁ, A. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. *PsicoUSF*, Itatiba, v. 11, n. 2, p. 229-237, dez. 2006.
- BESERRA, M. A. *et al.* Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/Pe: Brasil. *Rev. Enf. Ref.*, Coimbra, v. serIV, n. 7, p. 91-99, dez. 2015.

- BESERRA, M. A. *et al.* Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Esc. Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 183-191, mar. 2016.
- BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. *A dimensão da subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. Editora Cortez: São Paulo, 2009.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BRASIL. *Estatuto da juventude: atos internacionais e normas correlatas*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2013.
- BREAKWELL, G. M.; HAMMOND, S.; FIFE-SCHAW, C.; SMITH, J. A.; HAASE, V. G. *Métodos de pesquisa em psicologia*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- BUTION, D. C.; WECHSLER, A. M. Dependência emocional: uma revisão sistemática da literatura. *Est. Inter. Psicol.*, v. 7, n. 1, p. 77-101, jun. 2016.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CABRAL, A.; NICK, E. *Dicionário Técnico de Psicologia* – 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CANEZIN, P. F. M.; ALMEIDA, T. O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 142-155, jun. 2015.
- CARDOSO, N. Mulheres em relacionamentos violentos: Fatores de permanência. *Revista Veritas*, Porto Alegre, v. 39, p. 211-229. 1994.
- CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 4, p. 485-493, out. 2006.
- CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, Lisboa, v. 22, n. 1, p. 77-104. 2008.
- CARNEIRO, A. A.; FRAGA, C. K. A Lei Maria da Penha e a proteção legal à mulher vítima em São Borja no Rio Grande do Sul: da violência denunciada à violência silenciada. *Serv. Soc. Soc.*, São Paulo, n. 110, p. 369-397. 2012.
- CARVALHO, C. F. M. *Construção social da violência doméstica mediante a análise de autos de notícia e de denúncia da Polícia de Segurança Pública (PSP)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa - Faculdade das Ciências Sociais e Humanas Porto, 2012.

- CASTAMANN, D.; VIEIRA, L. P. Um estudo sobre a construção social das famílias homoafetivas: preconceitos e estigmas. *Anais do 4º Seminário Nacional Estado e Políticas Sociais*, Unioeste, 2009.
- CASTRO, R. J. S. *Violência no namoro entre adolescentes da cidade do Recife: em busca de sentidos*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Fundação Oswaldo Cruz, Recife, 2009.
- CAVALCANTI CHAVES, J. As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicol. rev.*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 28-46. 2010.
- CECCHETTO, F. *et al.* Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface* (Botucatu), Botucatu, v. 20, n. 59, p. 853-864, dez. 2016.
- CENTEVILLE, V.; DE ALMEIDA, T. Ciúme romântico e a sua relação com a violência. *Psicologia Revista*, v. 16, n. 1/2, p. 73-91. 2014.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- COELHO, E. B. S. *Violência por parceiro íntimo: definições e tipologias*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.
- CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H. Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas. Rio de Janeiro. Conselho Federal de Psicologia, 2002.
- CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. *Avaliação* (Campinas), Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 23-44, mar. 2013.
- COSTA, C. B.; CENCI, C. M. B. A relação conjugal diante da infidelidade: a perspectiva do homem infiel. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 19-34, jun. 2014.
- COSTA, N. *et al.* O ciúme está relacionado ao amor: Contribuições de uma perspectiva analítico-comportamental. *Perspectivas*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 40-48. 2014.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

- DA SILVA, A. I., MARINHO, G. I. Auto-estima e relações afetivas. *Universitas: Ciências da Saúde*, v. 1 n. 2, p. 229-237. 2002.
- DANTAS-BERGER, S. M.; GIFFIN, K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual?. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 417-425, abr. 2005.
- DE JESUS, J. S. O. Ficar ou namorar: um dilema juvenil. *Psic*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 67-73, jun. 2005.
- DE MOURA, L. C., HENRIQUES, H. I. B. Aspectos sócio-histórico culturais envolvidos no fenômeno de culpabilização de mulheres vítimas de violência. *Veredas Favip*, v. 7, n. 2. 2014.
- DIXE, M. A. C. R. *et al.* A Violência de Gênero na Relação de Namoro em Estudantes do Ensino Superior: Práticas e Comportamentos de Violência. IC, p. 978-989, 2010.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 24, p. 213-225, dez. 2004.
- DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, n. 115, mar. 2002.
- FELICISSIMO, F. B. *et al.* Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 116-129, abr. 2013.
- FERREIRINHA, I. M. N.; RAITZ, T. R. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Rev. Adm. Pública*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 367-383, abr. 2010.
- FLAKE, T. A. *et al.* Violência por parceiro íntimo entre estudantes de duas universidades do Estado de São Paulo, Brasil. *Rev. bras. epidemiol.*, São Paulo, v. 16, n. 4, p. 801-816, dez. 2013.
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, ago. 2004.
- FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cad. Pesquisa*, São Paulo, n. 116, jul. 2002.
- GATTI, B. A. *Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

- GIROUX, H. Ensino superior, para quê? *Educ. rev.*, n. 37, p. 25-38. 2010.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Rev. adm. empres.*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, abr. 1995.
- GOMES, R. Invisibilidade da violência nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G., NJAINE, K. (org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 141-151, 2011.
- GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia* (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002.
- GUARESCHI MATTES, E.; FACCO ROCHA, N. Adolescentes e os relacionamentos abusivos: a tendência a se concretizar em casos de violência doméstica contra a mulher. *Anais do XIII Seminário Internacional Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea*. UNISC – Santa Cruz do Sul, 2016.
- GUEDES, D.; ASSUNÇÃO, L. Relações amorosas na contemporaneidade e indícios do colapso do amor romântico (solidão cibernética?). *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v., n. 2, p. 396-425, set. 2006.
- GUIMARÃES, F.; SILVA, E. C.; MACIEL, S. A. B. Resenha: Mas Ele diz que me ama...: Cegueira Relacional e Violência Conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Brasília: Universidade de Brasília Psicossocial Forense, v. 23, n. 4, p. 481-482, out. 2007.
- GUNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, ago. 2006.
- IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Rev. esc. enferm. USP*, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001.
- JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. *Rev. Dep. Psicol.*, UFF, Niterói, v. 17, n. 1, p. 61-77, jun. 2005.
- KERBAUY, R. R. Aprendendo a discriminar os sinais de manipulação. *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 13-20, jun. 2002.
- KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em revista*, v. 10, n. 15, p. 124-136. 2004.

- KRUEGER, R. *Focus groups: a practical guide for applied research*. 2. ed. Thousand Oaks, SAGE publications, 1994.
- KRUG, E. *et al.* (eds.). *World report on violence and health*. Geneva: World Health Organization, 2002.
- LEITÃO, B. J. M. *Grupos de foco: o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte complementar à avaliação quantitativa realizada pelo sistema de bibliotecas da USP*. Dissertação de mestrado, São Paulo, 2003.
- LEVY, L.; GOMES, I. C. Relação conjugal, violência psicológica e complementaridade fusional. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 163-172. 2008.
- LOPES, A. C. A favela tem nome próprio: a (re)significação do local na linguagem do funk carioca. *Rev. bras. linguist. apl.*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 369-390. 2009.
- LOURO, G. L. (org). *O corpo educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte. Autentica. 2000.
- LUCENA, K. D. T. *et al.* Análise do ciclo da violência doméstica contra a mulher. *J. Hum. Growth Dev.*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 139-146. 2016.
- MANDELLI, M. T.; SOARES, D. H. P.; LISBOA, M. D. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. *Arq. bras. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 63, n. spe, p. 49-57. 2011.
- MANUEL, S. C. G. *A violência no namoro entre jovens adultos*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. 2014.
- MATOS, M. *et al.* Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 55-75. 2006.
- MATTES, E. G.; ROCHA, N. F. Adolescentes e os relacionamentos abusivos: a tendência a se concretizar em casos de violência doméstica contra a mulher. *Anais do Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea, XIII*, 2016. Santa Cruz do Sul. Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Rio Grande do Sul. 2016. 16 p.
- MELO, A. G.; PEDERIVA, R. Violência contra a mulher: a permanência da mulher na relação violenta após a denúncia e a retirada da queixa. *Unoesc & Ciência Joaçaba*, v. 7, n. 2, p. 221-228, jul./dez. 2016.

- MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 7, p. 01-12. 2017.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: ed. Hucitec, 2004.
- MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G., NJAINE, K. (org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações do namoro e do ficar entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- MURTA, S. G. *et al.* Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 263-288, ago. 2013.
- NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicol. Soc.*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 516-525, dez. 2011.
- NEVES, A. L. M.; SILVA, I. R. *Diversidade Sexual e Protagonismo de Professores: Uma análise sócio-histórica dos significados*. Manaus/São Paulo: FAPEAM/Martinari, 2015.
- OLIVEIRA, A. L.; CHAMON, E. M. O. Q.; MAURICIO, A. G. C. Representação social da violência: estudo exploratório com estudantes de uma universidade do interior do estado de São Paulo. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 36, p. 261-274. 2010.
- OLIVEIRA, D. C. *et al.* “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 60, n. 5, p. 497-502, out. 2007.
- OLIVEIRA, G. C. C.; PAES, M. S. L. Violência de gênero contra a mulher: a vivência deste fenômeno. *Revista Enfermagem Integrada – Ipatinga: Unileste*, v. 7, n. 1, jul./ago. 2014.
- OLIVEIRA, M., FREITAS, H. Focus Group – Pesquisa qualitativa: Resgatando a teoria, instrumentalizando seu planejamento. *Revista de Administração*, v. 33, n. 3, p. 83-91. 1998.
- OLIVEIRA, Q. B. M. *et al.* Violência Física Perpetrada por Ciúmes no Namoro de Adolescentes: Um recorte de Gênero em Dez Capitais Brasileiras. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 32, n. 3, e32323. 2016.

- OLIVEIRA, Q. B. M. *et al.* Violências nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G., NJAINE, K. (org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2011. p. 87-139.
- OLIVEIRA, Q. B. M. *Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais da saúde*. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2014.
- OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. *Cad. Pesqui.*, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, abr. 2008.
- PAIVA, C.; FIGUEIREDO, B. Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 4, n. 2, p. 165-184, nov. 2003.
- PIMENTEL, A. Pesquisa exploratória da violência psicológica por meio da linguagem. *Filol. linguíst. port.*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 7-26. 2013.
- PINHEIRO, I.; ÁLVARES, M. L. M. Mitos: pilares que sustentam o patriarcado na perspectiva de Simone de Beauvoir. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 7-12, jul./dez. 2017.
- PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Rev. Saúde Pública*, São Paulo, v. 29, n. 4, p. 318-325, ago. 1995.
- PRADO, L. R. *Curso de Direito Penal Brasileiro: parte especial*, arts. 121 a 249. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.
- RAZERA, J.; FALCKE, D. Relacionamento conjugal e violência: sair é mais difícil que ficar?. *Aletheia*, Canoas, n. 45, p. 156-167, dez. 2014.
- RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012. Conselho Nacional de Saúde. Publicada no DOU nº 12 – quinta-feira, 13 de junho de 2013 – Seção 1 – Página 59.
- RIBEIRO, A. M. *Curso de Formação Profissional em Educação Infantil*. Rio de Janeiro: EPSJV/ Creche Fiocruz, 2005.
- RIBEIRO, F. M. L. *et al.* Entre o ‘ficar’ e o namorar: relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (org.). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. p. 55-86.

- ROSA, A. G. *et al.* A violência conjugal contra a mulher a partir da ótica do homem autor da violência. *Saúde soc.*, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 152-160, set. 2008.
- ROSA, L. W.; FALCKE, D. Violência conjugal: compreendendo o fenômeno. *Rev. SPAGESP*, Ribeirão Preto, v. 15, n. 1, p. 17-32. 2014.
- SACRAMENTO, L. T.; REZENDE, M. M. Violências: lembrando alguns conceitos. *Aletheia*, Canoas, n. 24, p. 95-104, dez. 2006.
- SAFFIOTI, H. I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SBICIGO, J. B.; LISBOA, C. S. M. *Rev. bras. ter. cogn.*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 73-81, nov. 2009.
- SCHUCH, P. AIDS e Sexualidade entre Universitários Solteiros de Porto Alegre: um estudo antropológico. In: DUARTE, Lfd; LEAL, Of (org.). *Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. 210 p.
- SEO, K. T. *Manifestações de ciúme e suas conseqüências, na dinâmica de relacionamento conjugal* (Monografia). Faculdade de Ciências da Saúde Garça – São Paulo – Brasil, 2006.
- SILVA, C. G.; PAIVA, V.; PARKER, R. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. *Interface* (Botucatu), Botucatu, v. 17, n. 44, p. 103-117, mar. 2013.
- SILVA, D. N.; DE ALENCAR, C. N. A propósito da violência na linguagem. *Cadernos de estudos linguísticos*. Campinas, v. 55, n. 2, p. 129-146. 2013.
- SILVA, D. G. Concepções dos universitários sobre a sexualidade a partir da diversidade sexual no Século XXI. *Revista Digital EFD Esportes*. Buenos Aries, n. 216. 2016.
- SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface* (Botucatu), Botucatu, v. 11, n. 21, p. 93-103, abr. 2007.
- SILVA, M. A. R. B.; SANCHES, M. A. Não desista de ser feliz: Um ensaio sobre a permanência de mulheres em relacionamentos com homens violentos. *Caderno teológico da pucpr*, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 113-134. 2014.

- SILVEIRA, H. F. R. Um estudo do poder na sociedade da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 79-90, dez. 2000.
- SIMÃO, A. B. O uso de grupos focais em uma pesquisa sobre os comportamentos sexual, nupcial e reprodutivo: Reflexões a partir de uma experiência prática. *Anais do XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. UFMG. MG, 2006.
- SIQUEIRA, M. V. S. *et al* . Homofobia e violência moral no trabalho no Distrito Federal. *Organ. Soc.*, Salvador, v. 16, n. 50, p. 447-461, set. 2009.
- SMEHA, L. N.; OLIVEIRA, M. V. Os relacionamentos amorosos na contemporaneidade sob a óptica dos adultos jovens. *Psicol. teor. prat.*, São Paulo , v. 15, n. 2, p. 33-45, ago. 2013.
- SOARES, J. S. F.; LOPES, M. J. M.; NJAINE, K. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 6, p. 1121-1130, jun. 2013.
- SOARES, J. R.; AGUIAR, W. M. J.; MACHADO, V. C. Núcleos de significação: uma proposta metodológica em constante movimento. *Anais do EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação*, PUC PR, 2015.
- SOARES, M. *Metamemória-memórias: travessia de uma educadora*. São Paulo: Cortez, 1990.
- SOPHIA, E. C.; TAVARES, H.; ZILBERMAN, M. L. Amor patológico: um novo transtorno psiquiátrico? *Rev. Bras. Psiquiatr.*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 55-62, mar. 2007.
- SOUZA, P. A.; DA ROS, M. A. Os motivos que mantêm as mulheres vítimas de violência no relacionamento violento. *Revista de Ciências Humanas*, EDUFSC, n. 40, p. 509-527. 2006.
- SPINK, M. J. *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- TEIXEIRA, E. R. F. *et al*. Estupro conjugal: reflexões sob a égide constitucional. *Revista da FARN*, v. 3, n. 1/2, p. 191-208, jul. 2003/jun. 2004.
- TEIXEIRA-FILHO, F. S.; MARRETTO, C. A. R. Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBT. *Fazendo Gênero – Corpo, violência e poder*, v.1, n, 1, p. 10-19. 2008.

- TOMIO, N. A. O.; DIAS FACCI, M. G. Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica. *Rev. Teoria e Prática da Educação*, v. 12, n. 1, p. 89-99, jan./abr. 2009.
- TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.
- TRUNINGER, E. Marital violence: the legal solutions. *Hastings Law Journal*, v. 23, p. 259-276, nov. 1971.
- TURATTI, M. C., LUCAS, M. G. Compreendendo o ciúme na relação conjugal: um olhar sistêmico. *Unoesc & Ciência - ACBS Joaçaba*, v. 7, n. 2, p. 145-152, jul./dez. 2016.
- VELHO, M. T. A. C. *et al.* Estudo sobre a sexualidade entre universitários moradores de casas do estudante do Sul do Brasil. *Revista da AMRIGS*, v. 54 n. 4, p. 399-405, out./dez. 2010.
- VIANNA, A.; LACERDA, P. *Direitos e políticas sexuais no Brasil: mapeamento e Diagnóstico*. Rio de Janeiro: CEPESC, 2004.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A: ORGANIZAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

**Quadro 3.** Organização dos Núcleos de Significação

<b>INDICADORES</b>	<b>NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO</b>
1. Fator de risco para perpetração de abusos na relação;	CIÚME
2. Não tem haver com o comportamento do outro;	
3. Controle das ações do outro;	COMPORTAMENTO CONTROLADOR
4. Falta de Liberdade;	
5. Retaliações;	
6. Necessidade de estar perto;	
7. Afastamento dos Amigos;	
8. Violência Psicológica;	VIOLÊNCIAS
9. Violência Moral;	
10. Violência Física;	
11. Falta de habilidades sociais;	O PERPETRADOR
12. Insegurança e falta de habilidades sociais hipercompensada com o poder;	
13. Manipulador;	

14. Se doar demais;	VIVÊNCIAS DA VÍTIMA
15. Minhas necessidades são desconsideradas;	
16. Vivências e sentimentos diversos;	
17. Percebendo o relacionamento abusivo;	
18. Justificativas para a permanência no relacionamento;	
19. Estratégias para lidar com o relacionamento.	

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2017.

## **APÊNDICE B: INSTRUMENTO DE PESQUISA**

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA NO GRUPO FOCAL E ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

#### **QUESTÕES NORTEADORAS:**

1. O que é um relacionamento abusivo?
2. Quais as formas de abuso mais comuns?
3. Quais as características da vítima e do autor da violência?
4. O que você acha que se pode fazer ao se deparar nesse tipo de relacionamento?

# **SOBRE OS AUTORES**

## **DANIEL CERDEIRA DE SOUZA**

Doutor em Psicologia Social e Cultura pela Universidade Federal de Santa Catarina na linha de Processos de Subjetivação, Gênero e Diversidade (UFSC/2019-2021). Mestre em Psicologia na linha de Processos Psicossociais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM/2016-2018). Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental pela UNIFIA (2016-2017). Especialista em Psicologia Social pela FAVENI (2020-2020). Graduado em Psicologia (CRP 20/06816) pelo Centro Universitário do Norte (2011-2015). Atualmente é Professor Substituto na Universidade Federal do Amazonas na área de Psicologia Clínica – Terapia Cognitivo Comportamental. Seu interesse de pesquisa é voltado para temas como masculinidades, estudos da deficiência a partir da segunda geração do modelo social da deficiência, psicologia da educação, saúde mental e atenção psicossocial, terapia cognitivo comportamental de terceira geração, além de uma diversidade de demandas LGBT's em diversos espaços, tudo isso sendo observado a partir da interseccionalidade entre gênero, raça, classe social e demais categorias identitárias.

## **IOLETE RIBEIRO DA SILVA**

Doutora (2004) e Mestre (1998) em Psicologia pela Universidade de Brasília. Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário de Brasília (1990). Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal do Amazonas e docente no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFAM e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI/UFAM. Seu interesse de pesquisa é voltado para

temas como aspectos psicossociais da desigualdade e processos de transformação social; psicologia, movimentos sociais e processos de inclusão de grupos historicamente excluídos; interseccionalidade entre gênero e raça, preconceitos; violências; processos de exclusão e manifestações de sexismo na escola e na Universidade; a escola como espaço de constituição dos sujeitos; processos psicossociais e culturais que permeiam as práticas e saberes acerca da realidade amazônica; processos de desenvolvimento de crianças e adolescentes em contextos sócio institucionais; e políticas públicas e promoção de direitos humanos à população amazônica.

Agosto de dois mil e vinte e dois, vinte e oito anos da primeira edição do livro *Sobrevivi... posso contar*, de Maria da Penha.



para conhecer mais da *editora***UEA** e de nossas publicações,  
acesse nosso site e nos siga nas redes sociais  
[editora.uea.edu.br](http://editora.uea.edu.br)

ueaeditora



Trabalhar a temática de violência, seja em qualquer âmbito ou contexto, é sempre um assunto importante e atual. Muito se tem produzido academicamente nos últimos anos, além dos avanços nas políticas públicas, que são incontestáveis, mas ainda temos grandes caminhos para o combate à violência em um país tão desigual como o nosso.

Esta obra versa sobre esse fenômeno em um universo bem específico: Jovens universitários, inseridos, então, em um contexto de formação crítica. Traz um panorama muito importante de relações abusivas com importantes tipificações. Os relatos e vivências descritos na obra trazem um alerta sobre formas vivenciadas dessas relações e o que podemos fazer para combater esse fenômeno tão nocivo a nossa sociedade.

Prof. Dr. Eduardo J. S. Honorato  
Professor Associado UEA e Psicólogo no SUS (SEMSA)  
Phd em Saúde Pública com ênfase em Sexualidade e Gênero



**AMAZONAS**  
GOVERNO DO ESTADO



**UEA**  
UNIVERSIDADE  
DO ESTADO DO  
AMAZONAS



*editora*  
**UEA**